Ana Luiza Araújo Lopes

A ênclise em orações dependentes na história do Português Europeu (Séc. 16 a 19)

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de mestre em Lingüística.

Orientadora: Profª. Drª. Charlotte Marie Chambelland Galves

Campinas 2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

Lopes, Ana Luiza Araújo.
L881e A ênclise em orações dependentes na história do Português Europeu (séc. 16 a 19) / Ana Luiza Araújo Lopes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Charlotte Marie Chambelland Galves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gramática comparada e geral - Orações subordinadas. 2. Língua portuguesa - Português clássico - Sec. XVI-XIX. 3. Gramática comparada e geral - Clíticos. 4. Mudança Linguística. 5. Gramática comparada e geral - Sintaxe. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The Enclisis on subordinate clauses in the history of European Portuguese.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Grammar, Comparative and general - Subordinate clauses; Portuguese language - Classical portuguese - 16th-19th centuries; Grammar, Comparative and general - Clítics; Language change; Grammar, Comparative and general - Syntax.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (orientadora), Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino e Profa. Dra. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro.

Data da defesa: 23/02/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves _____

Sonia Maria Lazzarini Cyrino _____

Ilza Maria de Oliveira Ribeiro _____

Maria Aparecida Correa RibeiroTorres Moraes _____

Maria Clara Paixão de Sousa _____

IEL/UNICAMP
2010

Dedico á minha querida vovó

Memorina pelo exemplo de vida.

Agradecimentos

Neste espaço aproveito para mostrar minha gratidão a todos que contribuíram com este trabalho.

Primeiramente á Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou este trabalho.

Agradeço a Deus pelas bênçãos constantes.

À minha orientadora Charlotte Galves pela paciência, pelo carinho e pelo exemplo profissional.

Aos meus pais, José Guilherme e Maria Célia, os meus maiores incentivadores, que me permitiram viver esse sonho. Agradeço por todo apoio, em todos os momentos. Agradeço também ao meu irmão Pedro Ivo pelo companheirismo.

Aos meus amigos Rodrigo, Simone, Lívia, Muriel e Sidney, sem os quais não teria conseguido concluir este mestrado. Obrigada por tudo, pelas broncas, pelo carinho e pelo apoio constante.

Agradeço também á UNICAMP, em especial ao IEL minha segunda casa desde 2002.

À minha amiga e professora Filomena Sandalo, que me apresentou os estudos gerativistas.

A todos os professores do IEL, em especial aos professores do Departamento de Lingüística, que foram meus mestres desde a graduação.

Agradeço à Maria Clara Paixão de Sousa pelas aulas e pelo trabalho inspirador.

Aos colegas do Projeto Tycho Brahe.

,Aos colegas da pós: Aline Gravina, Mahayna, Carlos Felipe, Lílian Teixeira, Paulo Medeiros, Aroldo, Gilcélia, Pablo, Marcos, Gustavo. Agradeço pela companhia nesta jornada, pelas discussões teóricas, pelos cafés.

Agradeço aos meus familiares pela torcida, e principalmente pela união nos momentos difíceis. Obrigada tias e tio! Agradeço especialmente aos meus primos-irmãos: Maria Luísa, Laurinha, Cibele, Petrônio, Sumara, Rodolfo.

Agradeço aos meus amigos que fiz na graduação: Luciana, Marianne, Leandro Diniz, Aline, Rodrigo e Angela.

Agradeço a todos que foram mais que amigos - minha família aqui em campinas: Bebel, Thiago, Dida, Shaquill, Carol, Alexandre, Márcio, Duzinha, Yuka, Paty, Marina, Angela, Rodrigo, Simone.

Aos meus amigos do Coluni: Lívia, Muriel, Simone, Bruno, Thiago Reis, Robert.

Aos amigos da VD pela companhia nas madrugadas de trabalho.

Agradeço à minha terapeuta Rosana pelo cuidado.

Minha sincera gratidão a todos que de alguma forma me ajudaram a construir esta história.

"Começo, pois, nesta carta, pela Gramática, que é a porta dos outros estudos, da qual depende a boa eleição dos mais. Porque muitos não entendem o que significa este nome, por isso não fazem grande progresso na Gramática."

L. Verney

RESUMO:

A dissertação investiga a ênclise em orações dependentes na história do PE - entre os séculos 16 e 19. A colocação pronominal é um dos assuntos mais estudados da língua portuguesa, mas sempre priorizando as orações principais finitas onde há grande variação na colocação dos clíticos, com a mudança gramatical ocorrida no século 18 (Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005, Galves, Namiuti e Paixão de Sousa2005; Paixão de Sousa, 2004). As orações dependentes sempre foram consideradas como contexto de próclise categórica. No entanto, nos dados extraídos do *Corpus* Histórico Tycho Brahe, apesar da predominância proclítica, foram atestados dados de ênclise em dependentes. A ênclise ocorre em orações dependentes nas gramáticas do Português – Clássico e Europeu moderno- sempre que há pelo menos um constituinte entre o complementador e o verbo. A ênclise ocorre em todo o período – Português Clássico ao Português Europeu moderno – em vários tipos de oração: relativas, completivas, dependentes iniciadas em *porque*. Mostro ainda que há uma estabilidade ao longo do tempo na colocação de clíticos em orações dependentes, ao contrário do que acontece nas orações principais A pergunta a ser respondida foi: como estas duas gramáticas geram a ênclise nas dependentes? Analiso o fenômeno com base no CP expandido de Rizzi (1997), e ainda retomando a proposta de Galves e Sandalo 2009 para a colocação de clíticos no PCl e no PE.

Palavras chave: Orações dependentes, Português Clássico, Mudança lingüística, Clíticos, CP expandido

ABSTRACT

The aim of this work is to investigate the *enclisis* on subordinate clauses in the history of the European Portuguese. The clitic placement is one of the most popular subjects about the Portuguese language, but these researches always focus on the main clauses, there is a large variation on the clitics placement, after the language change around 18 century (Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005; Paixão de Sousa 2004). The subordinate clauses were always considered as categorical *proclisis* context. Nevertheless, despite the high rates of *proclisis* on subordinates clauses, there are *enclisis* data from *Tyhco Brahe Parsed Corpus of historical Porutuguese.* The *enclisis* is only possible on subordinate clauses in Classical Portuguese and European Portuguese, when there is at least on constituent between the complement and the verb. The enclisis occurs in all type of subordinate clauses: relatives, completives, dependent clauses beginning with *porque (because)*, during all the period – from Classical Portuguese to European Portuguese, and there are a stability during time. The aim of this work was to answer the question: How these two grammar produce the *enclisis* on subordinates? The phenomena was analyzed based on expanded CP proposed by Rizzi (1997), and the proposal from Galves and Sandalo (2009) for clitic placement on Classical Portuguese and European Portuguese.

Key words: Subordinates clauses, Classical Portuguese, Language Change, Clitics, expanded CP.

Sumário

1. Introdução 1

2. A colocação de clíticos na história do PE – Um breve histórico 3

2.1 As mudanças na história do PE 3

2.1.2 A ênclise nos Sermões de Padre Antonio Vieira 8

2.2 A análise das mudanças – do PCl ao PE 9

2.3 Resumo 14

3. Os dados 16

3.1 Corpus 16

3.2 A ênclise 17

3.2.1 Orações subordinadas 18

3.2.2 Orações dependentes iniciadas por porque 24

3.2.3 Contextos de ocorrência de ênclise em orações dependentes 28

3.2.3.1 O verbo da oração matriz das completivas 29

3.2.3.2 As orações relativas 29

3.3.2.3 Os elementos que precedem o verbo nas orações dependentes com ênclise 30

3.2.3.4 Modo indicativo 30

3.2.3.6 Os clíticos nas orações dependentes com ênclise 30

3.2.4 Resumo 31

3.3 A próclise em orações dependentes 32

3.4 A ênclise em orações dependentes em outras línguas ibéricas e nas gramáticas do português 36

3.4.1 O Português Arcaico 36

3.4.2 O Português Europeu moderno 37

3.4.3 O asturiano – Conservador e moderno 37

4. A análise da ênclise em orações dependentes 40

4.1 As análises para ênclise em dependentes 40

4.1.2 O peso fonológico e a colocação de clíticos no PE 40

4.1.2 Ribeiro: parataxe e recomplementação 42

4.1.21 Parataxe e hipotaxe 44

4.1.2.2 CP expandido 44

4.1.3 A proposta de Fernandez-Rubiera para a ênclise em línguas ibéricas 46

4.1.3.1 O Asturiano 46

4.1.3.2 As outras línguas ibéricas 51

41.4 Síntese das propostas 54

4.2 A proposta de analise para a ênclise em dependentes na mudança do PCl para o PE 55

4.2.1 As analises e a aplicação no PE 55

4.2.2. A análise do Português Clássico e PE 58

4.2.2.1 O Português Clássico 58

4.2.2.3 PE moderno 61

4.2.2.3 O Asturiano 66

5.Conclusão 69

6. Referências Bibliográficas 71

1. Introdução

A dissertação consiste em um estudo da ênclise nas orações dependentes no período em que ocorre a mudança do Português Clássico para o Português Europeu moderno. Os dados foram levantados em textos de autores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19, que fazem parte do *Corpus* Histórico Tycho Brahe.

No capítulo 2 apresento um histórico das mudanças ocorridas na gramática do Português entre os séculos 16 e 19. O foco principal são as mudanças no padrão da variação ênclise/próclise do período. Retomo trabalhos (Galves Brito e Paixão de Sousa 2005, Paixão de Sousa 2004, Galves e Sandalo 2004 entre outros) que mostram que do PCl para o PE, nos contextos de variação, a predominância proclítica foi cedendo lugar à ênclise. Seguindo Galves e Sandalo (2004, 2009) ainda ressalto que nas duas gramáticas a colocação pronominal pós-verbal é derivada por motivações distintas. Enquanto, no PCl, está sujeita à lei de Tobler-Mussafia que prevê que o clítico não pode ocupar a posição inicial da oração, em PE moderno, a ênclise ocorre quando o verbo é o primeiro elemento de um CP, como argumentam Galves e Sandalo (2009).

No capítulo 3 apresento uma descrição exaustiva da colocação de clíticos das orações dependentes dos textos que compõem o *Corpus* Histórico Tycho Brahe. Mostro, que apesar de marginal, a ênclise ocorre em todo o período, em orações de diversos tipos. Mostro também que os dados de ênclise são muito consistentes e o fenômeno só ocorre quando há pelo menos um constituinte entre o complementador e o verbo, o CP dependente é uma relativa, ou uma completiva selecionada por verbos epistêmicos, ou iniciada por *porque*. Ressalto também que nestas orações os verbos do CP dependente estão sempre no modo indicativo, com apenas uma exceção, que está no modo subjuntivo. A próclise, por outro lado, ocorre livremente, em qualquer contexto das orações dependentes.

No capítulo 3 ainda confronto os dados de ênclise em dependentes do *Corpus* Tycho Brahe, com dados do Português Arcaico, apresentados por Ribeiro (2009), dados do Português

Europeu moderno apresentados por Frota e Vigário (1998), e também com dados de dois dialetos de uma outra língua ibérica- o asturiano, apresentados por Fernandez-Rubiera.

No capítulo 4 apresento a análise para a ênclise em dependentes. Apresento a análise fonológica da ênclise nas dependentes no PE moderno proposta por Vigário e Frota(1998). Em seguida, a análise para a ênclise no Português Arcaico proposta por Ilza Ribeiro (2009). A autora se vale do CP expandido de Rizzi (1997)e relaciona o fenômeno com a recomplementação. A última análise que apresento é a de Fernandez-Rubiera (2009) que discute a ênclise nas dependentes em duas variantes do asturiano e ainda em línguas ibéricas. O autor também se vale do CP expandido proposto por Rizzi (1997) para explicar a ênclise no asturiano. Fernandez-Rubiera mostra que a variação ênclise/próclise nas dependentes ocorre, devido a um traço pragmático que ele designa [convicção].

Na última parte do capítulo apresento a minha proposta de análise da ênclise nas dependentes no PCl e no PE moderno. Assumo que colocação de clíticos no PCl está sujeita a restrições prosódicas, assim como proposto por Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005. Para o PE assumo Galves e Sandalo (2009) que afirma que é ênclise é derivada por questões morfo-sintáticas, e é resultado de um movimento de lowering. Adoto o CP expandido de Rizzi para explicar o fenômeno no PE. E por fim aplico a análise aos dados de ênclises nos dialetos do asturiano, para testar a hipótese.

2. A colocação de clíticos na história do PE – Um breve histórico

Neste capítulo apresento um histórico sobre as mudanças ocorridas na sintaxe do Português Europeu (doravante PE). Destaco os trabalhos sobre a colocação de clíticos na língua, que sempre foi fato notável sobre a sintaxe do PE, e é ainda, o tema deste trabalho.

2.1 As mudanças na história do PE

O PE difere de outras gramáticas de línguas românicas por requerer a ênclise em orações com verbo com tempo, em determinados contextos. A colocação de pronomes clíticos são tomados como evidência da mudança gramatical ocorridas na história do PE, e em geral, as mudanças ocorridas na sintaxe de posição dos pronomes clíticos têm sido tomadas como uma diretriz para determinar o momento em que se dá a passagem do Português Clássico para o Português Europeu (cf., por exemplo, Galves 2004, Paixão de Sousa 2004, Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, Martins 1994).

Muitas foram as mudanças ocorridas entre as duas gramáticas, mas a colocação pronominal sempre foi destaque nos estudos da língua no PE, uma vez que no PCl a ordem não marcada é a próclise, enquanto no PE contemporâneo a ênclise se fixou como ordem natural.

Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005)[1] apresentam a evolução na variação ênclise/próclise. E ainda pontuam os contextos de variação ao longo do tempo. Esses contextos são divididos em dois grupos que apresento a seguir. Nesses contextos a predominância da

[1] As autoras utilizam os seguintes textos: Diogo do Couto, *Décadas* ; Luis de Sousa *A vida de Frei Bertolameu dos Mártires* ; Francisco Rodrigues Lobo(*Corte na aldeia e noites de inverno* ; Padre Manuel da Costa, *A arte de furtar*, Antonio Vieira -*Cartas* e Sermões;; Francisco Manuel de Mello *Cartas Familiares*; Frei Francisco das Chagas , *Cartas Espirituais*;Manuel Bernardes , *Nova Floresta*,; José Cunha Brochado,*Cartas*; Maria do Céu , *Rellaçaõ da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Elenna da Crus*, ; André de Barros , *A vida do Padre Antonio Vieira*, ; Alexandre Gusmão , *Cartas*, Matias Aires, *Reflexões sobre a vaidade dos homens*; Luis Antonio Verney ,*Verdadeiro método de estudar*,; Antonio da Costa , *Cartas do Abade Antonio da Costa*, Correia Garção , *Dissertações*; Marquesa de Alorna), *Cartas*,; AlmeidaGarrett, *Viagens na minha terra*,; Ramalho Ortigão), *Cartas a Emília*, .

próclise, típica do século 16, generaliza- se em ênclise no século 18. As autoras excluem da quantificação todos os contextos de próclise categórica em que o verbo é precedido de foco, operadores afetivos, e advérbios fronteados. E ainda os dados onde a ênclise é categórica, quando o verbo está em posição inicial.

Próclise categórica

(a) Bem **me importava** *entender ao certo o que se passa ... (*Melo, 1608)

(b) Muito **vos desejei** *cá ontem para ouvirdes explicar a Ene êste retrato*. *(*Melo, 1608)

Ênclise categórica

(c) **Defendeu-o** , *emparou-o (bem sabe Vossa Paternidade a história) e como verdadeiro amigo escreveu-lhe...*(Sousa, 1556)

Contexto de variação 1

Orações raiz finitas em que o v +cl é precedido por um sujeito referencial, não focalizado, um AdvP ou PP, não fronteado.

- **Sujeito verbo**

1. Eu **corro-me** *de dizer o que padeço* (Melo, 1608)
2. Ele **me disse** que pasmava como lhe abastava o que tinha (Sousa, 1504)
3.

- **AdvP V**

4. Depois **sucedeo-lhe** *o Mirão, seu sobrinho, ...* (Couto, 1542)
5. Hoje **me parto**. (Chagas, 1605)

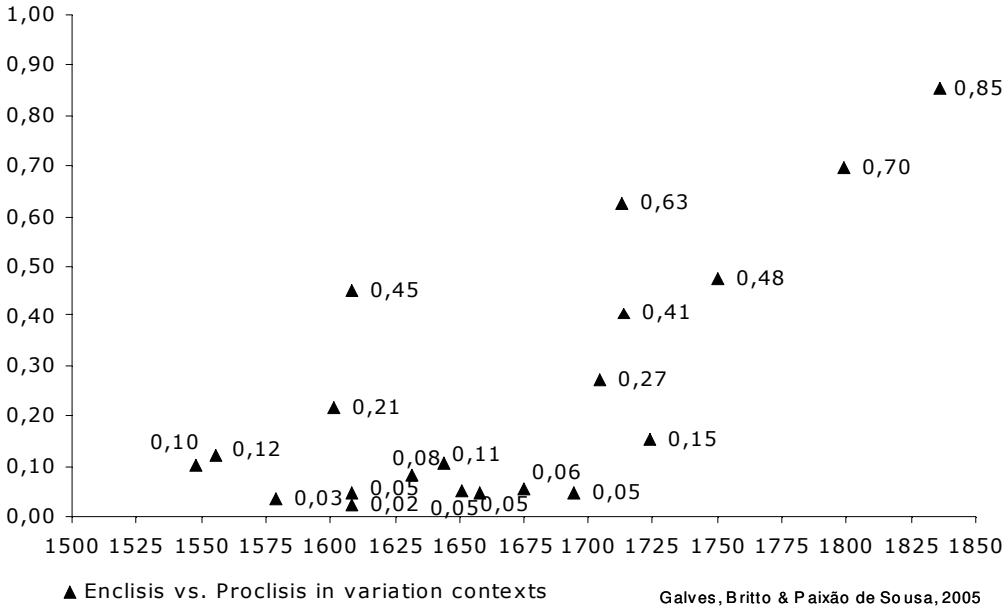
- **PP- V**

6. Em troca disto, **ofereço-lhe** *da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e ...*(Alorna, 1750)
7. Para os críticos **me deu** *Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles ...*(Melo, 1608)

8. O gráfico 1 apresenta a variação ênclise/próclise em contexto SV na período da mudança entre o PCl e PE:

Gráfico 1

Ênclises versus Próclises em contexto SV, em textos escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 19 (Corpus Tycho Brahe).



A partir do gráfico acima Galves, Brito e Paixao de Sousa mostram que no PCl a ocorrência da ênclise varia entre 0,00 e 0,21%. Apenas os *Sermões* de Vieira têm 45% de ênclise, quase o dobro dos autores do mesmo período, e até mesmo diferente do outro texto do vieira - As cartas, que tem cerca de 2% de ênclises. Apresento ainda neste capítulo a especifidade da ênclise nos Sermões do Vieira.

Contexto de variação 2

Coordenadas em que o verbo segue imediatamente a conjunção coordenativa e sentenças em que o verbo é precedido por uma oração dependente.

- **segunda coordenada V1**

(a) *Achou-os ditosamente , falou-lhes* , e **rendeu-os** *a largarem aquela vida brutal , e virem a serfilhos da Igreja, e vassalos do Império Português*. (A. Barros, 1675)

(b) *Durando as persuasões do padre, chegou preparada uma mezinha,* e **lhe pediram** *se retirasse.*(Bernardes, 1644)

- **Verbo precedido por oração dependente**

(c) Para os começar a render, **amimou-os** *com donativos, língua a todas as Nações não menos inteligível, que grata*. (André de Barros, 1675)

(d) Vendo-o um Cónego no adro daquela antiga Sé **lhe disse**: *De quem sois meu menino?* (André de Barros, 1675)

Os gráficos abaixo (2 e 3) mostram a variação ênclise/próclise quando o verbo, é imediatamente precedido por uma oração ou pela conjunção de coordenação.

Gráfico 2

Este primeiro gráfico mostra a variação ênclise/próclise quando o verbo é o primeiro elemento da segunda oração coordenada.

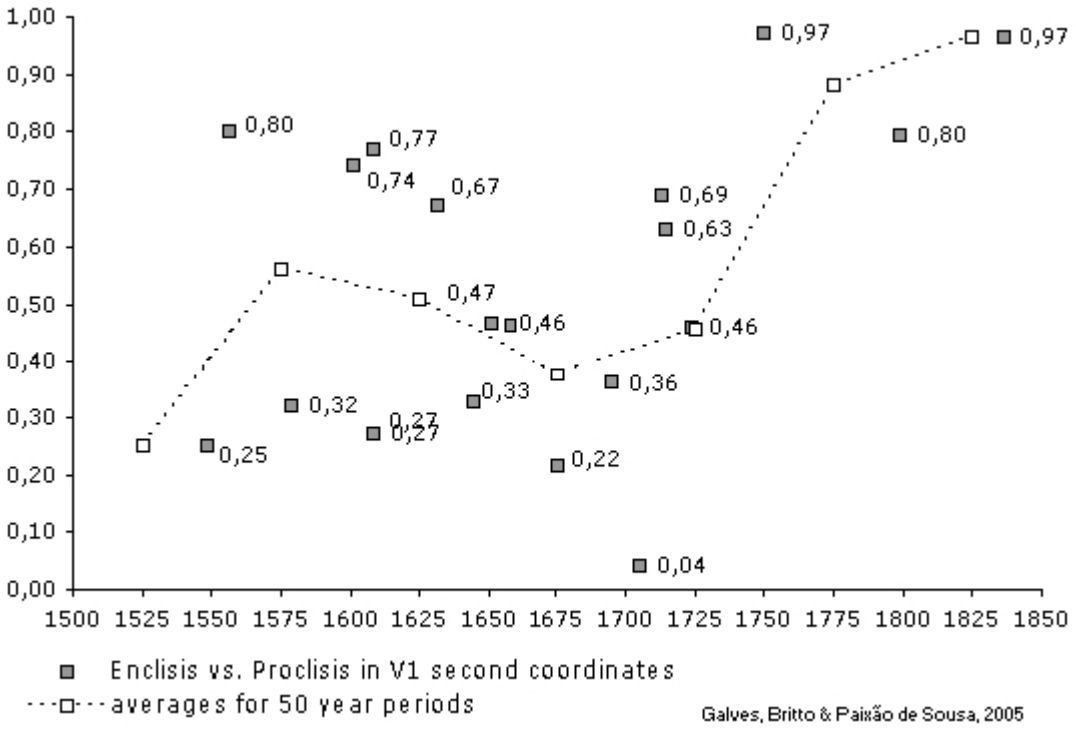
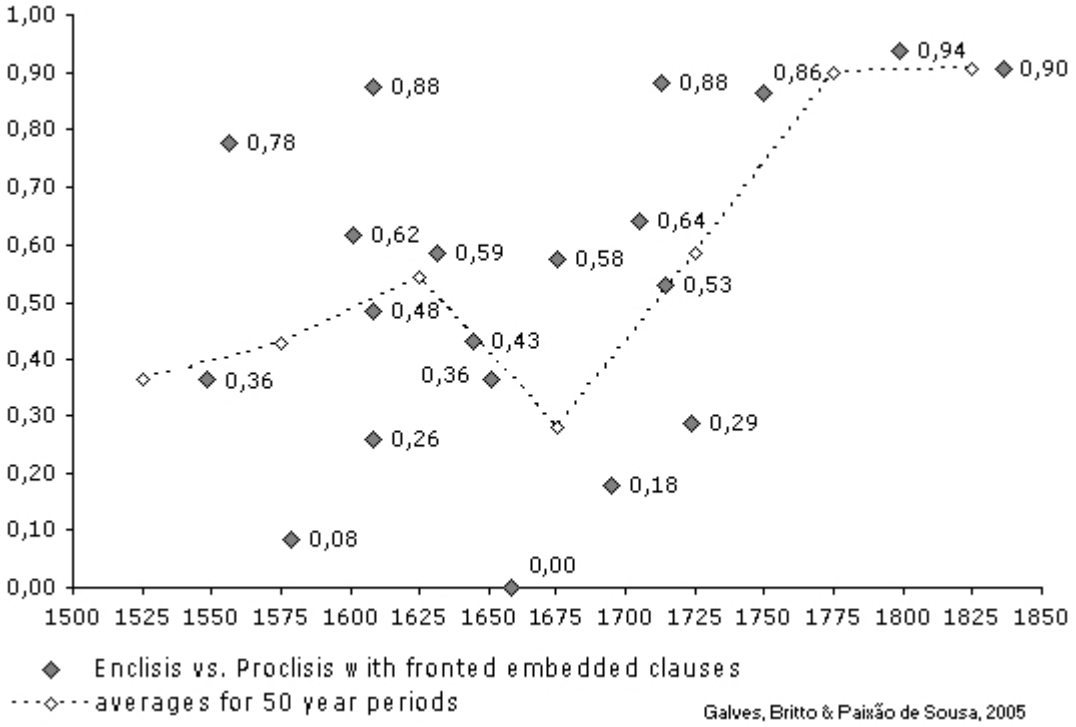

1,00
0,90
0,80
0,70
0,60
0,50
0,40
0,30
0,20
0,10
0,00
1500 1525 1550 1575 1600 1625 1650 1675 1700 1725 1750 1775 1800 1825 1850
0,97
0,97
0,80
0,80
0,77
0,74
0,67
0,69
0,63
0,47
0,46
0,46
0,36
0,32
0,33
0,27
0,27
0,25
0,22
0,04
Enclisis vs. Proclisis in V1 second coordinates
averages for 50 year periods
Galves, Britto & Paixão de Sousa, 2005

Gráfico 3


1,00
0,90
0,80
0,70
0,60
0,50
0,40
0,30
0,20
0,10
0,00
1500 1525 1550 1575 1600 1625 1650 1675 1700 1725 1750 1775 1800 1825 1850
0,94
0,90
0,86
0,88
0,88
0,78
0,64
0,62
0,59
0,58
0,53
0,48
0,43
0,36
0,36
0,29
0,26
0,18
0,08
0,00
Enclisis vs. Proclisis with fronted embedded clauses
averages for 50 year periods
Galves, Britto & Paixão de Sousa, 2005

O Gráfico 3 mostra a proporção ênclise/próclise quando o verbo é precedido imediatamente por uma oração dependente.

Galves, Brito e Paixão de Sousa destacam que nestes contextos há altas taxas de ênclise mesmo, no período inicial dos dados, mais altas do que as taxas encontradas no contexto de variação1, como mostra o gráfico 1.

As autoras concluem que a alternância ênclise/próclise tem dois padrões:

- No contexto de variação 1 (SV), a taxa de ênclise/próclise varia entre 0,00 e 0,21 no PCl A exceção fica por conta dos Sermões do Vieira, que tem 0,45, o que já destaquei anteriormente.
- No contexto de variação 2 há uma variação enorme, (em Coordenadas V1 varia entre 0,22 e 0,8, depois de oração dependente 0,00 e 0,88). Ressalto mais uma vez que Os *Sermões* têm a ênclise mais freqüente.
- E a partir de textos de autores nascidos depois de 1700 a ênclise é gradualmente estabelecida como ordem preferencial. O que pode ser observado nos três gráficos apresentados acima.

2.1.2 A ênclise nos Sermões de Padre Antonio Vieira

Os *Sermões* de Pe. Antônio Vieira têm altas taxas de ênclise, nos contextos de variação ênclise/próclise, Martins (1994) diz que o autor já é um expoente da nova gramática do Português. Galves (2003) mostra que isto não é verdade, principalmente se considerando em outro texto do autor – *As cartas* - que tem as taxas de ênclise nos contextos de variação, bem próximas dos demais autores nascidos no período.

A autora afirma que este texto parece ser uma exceção do quadro geral da colocação pronominal no período, e evidencia que a ênclise acontece sempre numa situação muito específica, quando os constituintes pré-verbais(incluindo sujeitos) são tópicos contrastivos. Os sujeitos pré-verbais são contrastados com outros sintagmas.. Observe:

9. Deus **julga-nos** a nós por nós; os homens **julgam-nos** a nós por si.
10. *Comparada, porém, qualquer revelação não canonica, com as boas obras, eu antes quizera acerteza das obras, que a da revelação*; porque a revelação não me póde salvar sem boas obras; e as boas obras **pódem-me** salvar sem revelação.

Quando não há um contraste a próclise aparece no contexto SV:

11. *Esta differença dos signaes que então ha-de haver, e agora não ha, é a que faz a differençados effeitos muito mais para temer no Juiso de cada dia, que no do fim do mundo. Que effeitosha-de causar nos homens a vista d'aquelles signaes?* O Evangelhista **o refere** por bemextraordinarios termos: *Arescentibus hominibus præ timore, et expectatione, quæ supervenientuniverso orbi.*

Galves aponta que as altas taxas de ênclise estão relacionadas ao alto número de tópicos contrastivos, que era um recurso utilizado no texto por questões estilísticas.

2.2 A análise das mudanças – do PCl ao PE

Como evidencio acima, houve uma grande mudança na colocação pronominal, na mudança do PCl para o PE. A primeira gramática tem a próclise como ordem preferencial nos contextos de variação. Enquanto no PE moderno a ênclise é a ordem preferencial nestes mesmos contextos.

No PCl a próclise é a ordem preferencial e Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005) mostram que a ênclise só ocorre obrigatoriamente quando a oração tem o verbo em posição inicial, assim como prevê a Lei Tobler Mussafia (doravante lei TM).

As autoras argumentam ainda que toda vez que no PCl a ênclise é derivada, e há constituintes pré-verbais na oração, estes constituintes estão fora da oração, ou seja, fora do domínio prosódico. A configuração apresentada pelas autoras é :

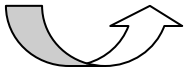
X # [V Vvcl] – posição interna

[XVXclV – posição interna

Se o constituinte pré verbal estiver externo à oração, ocorre a ênclise, quando ele está da oração, a próclise é derivada.

No PCl a colocação pronominal é sensível à prosódia. Galves e Sandalo 2009 afirmam que isto é um indicativo de que a posição pós-verbal do pronome é derivada após a constituição dos domínios prosódicos, no nível mais tardio de PF. As autoras afirmam que a inversão prosódica é a regra responsável pela derivação. A inversão prosódica é uma regra que se aplica após a sintaxe, em elementos que estão na periferia da oração, em que o constituinte altera sua ordem, se apoiando no elemento adjacente.

i. Nas minhas haverá tanta diligência **que [**pelo menos]I [~~me~~ **desculpe me** os meus]I desconcertos



Existem fortes evidências de que a ênclise está relacionada à prosódia. Um resultado importante apresentado por Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005) é que no contexto de variação 2, quando uma oração adverbial precede o verbo, quanto mais palavras tiver a a oração, maior a chance de a ênclise ocorrer, como mostra o quadro apresentado por elas:

Sensitivity of clitic-placement to the length of pre-verbal clauses

	1500 to 1599			1600 to 1690			1691 to 1799			1800		
	Proc	**encl**	**%encl**	**proc**	**encl**	**%encl**	**proc**	**encl**	**%encl**	**proc**	**encl**	**%encl**
1-4 w	68	29	29.89	38	35	47.94	12	35	74.46	0	10	100
5-8 w	33	18	35.29	27	28	50.90	16	31	65.95	0	4	100
9+ w	**8**	**9**	**52.94**	**10**	**25**	**71.42**	**15**	**15**	**50.00**	**0**	**0**	**0**
	109	56		75	88		43	81		0	14	

Cf. Galves, Brito e Paixao de Sousa 2005

Galves, Brito e Paixão de Sousa mostram que esse contexto é uma maneira interessante de testar o efeito da lei de TM. É esperado que o comprimento das orações pré-verbais, medido em número de palavras, tenha influência na colocação pronominal. Nas orações longas, há uma probabilidade maior desta oração ser um sintagma entoacional autônomo, e neste caso o verbo passa a ser o primeiro elemento de uma nova curva entoacional. Nesse caso, ocorre a inversão prosódica.

O quadro acima confirma essa hipótese, mostrando uma relação entre o tamanho da oração e a posição do clítico, já que no caso em que as orações pré-verbais têm mais de 8 palavras, a freqüência da ênclise aumenta significativamente. Na evolução da colocação de clítico, as autoras ressaltam que a partir do século 18 observa-se que o tamanho deixa de ser relevante, uma vez que ênclise é a ordem generalizada, o que mostra que a ênclise deixa de ser regida pela lei TM.

Ainda sobre o período Clássico, Galves (2003) e Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005) evidenciam que as orações enclíticas dos *Sermões* de Padre Vieira são mais uma forte amostra do efeito da lei T.M. Como mostrei anteriormente, a ênclise ocorre sempre que o sujeito da oração é tópico constrastivo. Este tópico sujeito se configuram como unidade entoacional independente, o que licencia a ênclise nas orações que seguem:

a) *"Elles* **conheciam-se**, como homens, *Christo* **conhecia-os**, como Deus."
b) "*Deus* **julga-nos** a nós por nós; os *homen*s **julgam-nos** a nós por si."

A partir dos gráficos 1, 2 e 3, como apresentado no início deste capítulo, Galves, Brito e Paixão de Sousa mostram que do início do século 18 em diante ocorre um aumento progressivo do uso da ênclise. As autoras afirmam que, nesse segundo momento, a ênclise se constitui como a opção categórica da nova gramática, embora uma grande variação seja ainda atestada nos textos durante esse período. Essa variação seria o resultado de competição de gramáticas (no sentido de Kroch 1994, 2001), ou seja, da tensão entre a gramática do PE moderno, que passa a emergir nos textos, e a gramática antiga, que permitia a alternância ênclise/próclise.

Ainda em relação às mudanças ocorridas entre os séculos 16 e 19, Paixão de Sousa (2004) e Galves, Brito e Paixão de Sousa observam que, ao longo do tempo, o número de orações VS vai diminuindo e de orações SV aumentando, enquanto o número de orações de sujeito nulo é estável. Durante este mesmo período, a próclise vai cedendo lugar à ênclise. Como afirmado por Paixão de Sousa (2004), na passagem do PCl para PE, a grande mudança que ocorre não é a mudança do lugar do clítico, mas a mudança de um sistema XVS, para uma língua onde a ordem natural passa a ser SVX.

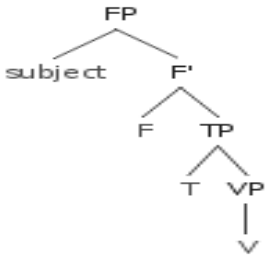
Depois da consolidação da mudança ocorrida, a derivação da ênclise deixa de ser determinada dentro do domínio prosódico. Nessa nova gramática a ênclise é a opção não marcada. Para Barbosa (2008) a Fase CP(Chomsky 2001) é importante para a ênclise no PE; o clítico seria obrigatório quando o verbo está em posição inicial ou quando é precedido de um tópico ou sujeito referencial, sendo que tanto tópicos quando sujeitos são externos a CP. Segundo ela, a ênclise derivaria de "local dislocation" que se aplica após a linearização. Galves e Sandalo (2009), por outro, lado afirmam que a ênclise no PE passa a ser derivada por razões morfo-sintáticas, derivada a partir de um movimento pós sintático conhecido como lowering. Em comum as propostas de Barbosa e Galves e Sandalo (2009), tem a derivação da ênclise a partir de movimentos pós-sintáticos.

- Local dislocation- ocorre após a linearização, e a realização importante não é estrutural, considera-se adjacência e precedência linear.
- Lowering – é o deslocamento para a direita em quem um núcleo baixa para outro núcleo. Os dois núcleos podem não estar adjacentes linearmente

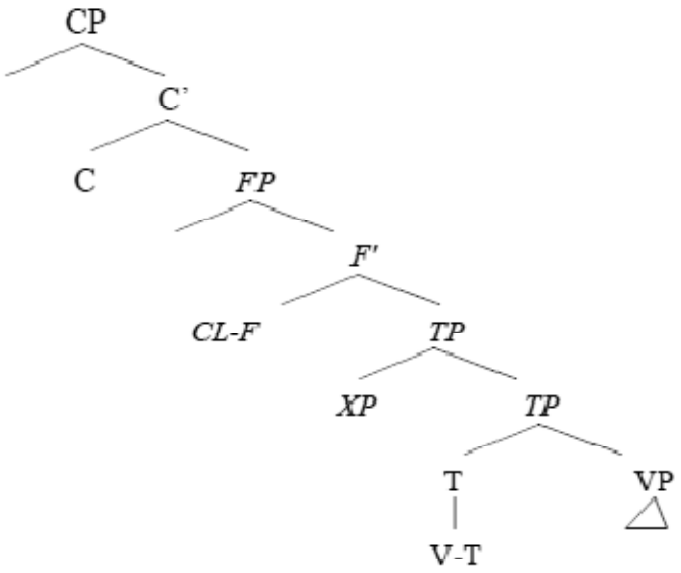
Por outro lado muitos autores argumentam que a ênclise tem relação com o discurso, que é derivada a partir da ativação de uma categoria funcional mais alta que Inlf ou T, que atrai o verbo, o clítico, ou ambos. Essa seria a categoria F (Raposo e Uriagareka 2005) e Sigma para Martins (2005).

Galves e Sandalo(2009) argumentam que F não é uma categoria de interface, mas na verdade é uma parte de Infl, no sentido de Costa(1998), Costa e Duarte(2003), e Costa e Galves (2002), que afirmam, que F só está preenchido com traços phi e um traço de EPP, que atrai o sujeito para especificador de Infl.

A oração no PE teria a seguinte estrutura



Segundo Galves s Sandalo (2009) as orações com clítico no PE tem a seguinte estrutura



Galves e Sandalo (2009) propõem que no PE, não é o clítico que sobe para uma posição mais alta, mas o verbo que permanece *em F* numa posição mais baixa, como mostrado acima. A próclise é derivada sem movimentos pós sintáticos; a ênclise requer uma outra regra, de lowering, que é uma regra que se aplica antes da linearização e é sensível a estrutura sintática.

As autoras concordam que o clítico não pode ocupar a primeira posição na oração, assim como previsto por Barbosa(2008).

Galves e Sandalo (2009) afirmam que o clítico não pode ocupar a posição mais alta na fase CP. Quando o CP não está projetado, F, a categoria que recebe o clítico , é o núcleo mais alto. Deriva-se a ênclise, pois o clítico não pode ser o primeiro elemento.

$[_{FP}$ XP F^0[CL]... [... T^0…]] -> [XP…[… [T^0+F^0[CL]]…]]

Quando há um CP, F não é o núcleo mais alto, e o clítico pode ficar em F. As autoras assumem, por exemplo, que os operadores afetivos no sentido de Raposo e Uriagareka (2005), ficam na posição de especificador de uma categoria que faz parte do CP expandido no sentido de Rizzi(1997).

Anderson (2005) aponta que a interpretação de Galves e Sandalo (2004), para a mudança em PCl para o PE, pode ser considerada uma pista de que houve uma mudança de uma categoria prosódica para uma categoria gramatical. Nesse sentido as autoras argumentam que essa mudança de uma inversão prosódica para lowering é, de fato, uma gramaticalização. Considerando o processo, assim como aponta a MD, o padrão gramaticalização ocorreria da seguinte maneira:

Inversão prosódica >> Local Dislocation>> Lowering

.Na proposta de Galves e Sandalo (2009) que o clítico não só muda de posição, mas muda a natureza do clítico, que deixa de ser um elemento sensível a prosódia, e passa a ser mais sensível à estrutura gramatical, à morfologia da língua, sendo um claro processo de gramaticalização.

2.3 Resumo

Neste capítulo apresentei trabalhos que mostram as mudanças ocorridas no Português entre os séculos 16 e 19. A colocação de pronomes clíticos variou muito no período, enquanto no

PCl a próclise era a ordem preferencial nos contextos de variação, no PE a ênclise é ordem generalizada. Galves e Sandalo mostram que há uma mudança na derivação da ênclise enquanto no período clássico era derivada por inversão prosódica, sempre que o verbo estava no início de um domínio prosódico, no PE moderno deriva de um movimento de lowering quando o verbo é o primeiro elemento da fase CP.

3. Os dados

Mostrei no capítulo anterior que a sintaxe de colocação de clíticos no Português mudou muito nas orações finitas não dependentes entre os séculos 16 e 19. Nas orações dependentes, ao contrário, veremos que se observa uma grande estabilidade na colocação de clíticos. Ao contrário de trabalhos anteriores que afirmam que em línguas ibéricas a próclise é a ordem categórica nas orações finitas dependentes, meus dados mostram que a ênclise existe neste contexto apesar de ser extremamente marginal.

Neste capítulo apresento o corpus que me serviu de base, depois apresento os dados de ênclise, e uma descrição minuciosa destes dados. Confronto estes com os dados de próclise. E no fim do capítulo apresento dados de ênclise em orações dependentes em outros momentos da história do PE e ainda com outra língua ibérica - asturiano.

3.1 Corpus

Os dados analisados neste trabalho foram extraídos de textos escritos por autores nascidos entre 1502 e 1836. São estes os texto utilizados, em ordem cronológica:

- Fernão Mendes Pinto (1502) – Peregrinação
- Francisco de Holanda (1510) – Da pintura Antiga
- Diogo do Couto (1542) - Décadas
- Luís de Sousa (1566) – A vida do Frei Bartolomeu dos Mártires
- F. Rodrigues Lobo (1579) - A vida na Côrte e Noites de Inverno
- Manuel da Costa (1601) - A arte de furtar
- Francisco Manuel de Melo (1608)– Cartas Familiares
- Antônio Vieira (1608) – Cartas

- Antônio Vieira (1608) – Sermões
- Antônio das Chagas (1631) – Cartas espirituais
- Manuel Bernardes (1644) – Nova Floresta
- José da Cunha Brochado (1651) – Cartas
- Maria do Céu (1658) – Vida e morte Madre Helena da Cruz
- André de Barros (1675) – Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira
- Contador de Argote (1695) – Regras da Língua Portuguesa
- Alexandre Gusmão (1695) – Cartas
- Cavaleiro de Oliveira (1702) – Cartas
- Matias Aires (1705) - Reflexões sobre a Vaidade dos Homens
- L. Antônio Verney (1713) – Verdadeiro Método de Estudar
- Antônio da Costa (1733) - Cartas
- Marquesa da Fronteira d'Alorna (1750) – Cartas
- Almeida Garrett (1799) – Viagens na minha terra
- Marquês da Fronteira d'Alorna (1802) - Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna
- Ramalho Ortigão (1836) – Cartas a Emilia

Estes textos fazem parte do *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe, que é desenvolvido como parte do projeto *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Lingüística II*, coordenado pela Profa. Charlotte Galves. Todos os textos encontram-se disponíveis em http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/.

3.2 A ênclise

Muitos estudos apontam que não há ênclise em orações dependentes em línguas ibéricas. Apesar disso nos textos que eu estudei, encontrei casos de clíticos em posição pós-verbal. Ressalto, no entanto, que, em orações dependentes a ênclise é um fenômeno muito marginal,

ocorrendo em apenas em 32 orações[2], num conjunto de cerca de 14.600, ou seja, ocorre em 0,22% dos casos. A ênclise em orações iniciadas por *porque* é mais produtiva, de um conjunto de 627 orações com clíticos, 13são dados com o pronome enclítico, ou seja, 2,23%. Por outro lado, nas orações chamadas subordinadas de cerca de 14.000 orações, apenas 19 ocorrências da ênclise, ou 0,14% dos casos.

É relevante ressaltar, também, que quase 1/3 dos casos de ênclise aparecem no texto de Luis Antonio Verney, que é um autor muito mais enclítico, mesmo comparando com autores que nasceram no mesmo período. (Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005).

O conjunto de dados levantados foi inicialmente dividido em dois grupos, sendo que as orações iniciadas por *porque* constituem um grupo a parte. Com efeito, para a gramática tradicional, essas orações não são necessariamente estruturas de subordinação, podendo ser estruturas de coordenação (Cunha e Cintra 2009) Os resultados mostraram um comportamento idêntico entre os dois grupos. Porém, justifica-se manter a distinção pelo fato de que a ênclise é relativamente muito mais freqüente com *porque* do que com as outras conjunções.

Nos textos onde fiz a busca encontrei a ênclise em 19 orações subordinadas, em 12 autores . E ainda em 8 autores encontrei 13 orações dependentes iniciadas por *porque*.

Adiante apresento primeiro as orações subordinadas, e na seção seguinte as orações iniciadas por *porque*.

3.2.1 Orações subordinadas

As orações dependentes com ênclise estão distribuídas pelos autores da seguinte maneira[3]:

[2] Excluo do conjunto de dados as segundas coordenadas no CP dependente. A busca destes dados no corpus era muito complexa. Mas pretendo futuramente analisar estas orações.

[3] Destaco neste quadro os textos onde não encontro as orações, mostrando quão marginal é o fenômeno.

Autor	Nº de orações
Fernão Mendes Pinto	0
Francisco De Holanda	0
Diogo do couto	1
Luís de Sousa	0
F. Rodrigues Lobo	1
Manuel da Costa	0
Francisco M. de Melo	1
Antônio Vieira Cartas	0
Antônio Vieira Sermões	3
Antônio Chagas	0
Manuel Bernardes	0
José da Cunha Brochado	0
Maria do Céu	0
André de Barros	1
Contador de Argote	0
Alexandre Gusmão	0
Cavaleiro de Oliveira	0
Matias Aires	2
L.Antônio Verney	6
Antônio da Costa	1
Marquesa d'Alorna	1
Almeida Garret	1
Marquês d'Alorna	1
Ramalho Ortigão	0
Total de orações	**19**

Por século as orações são divididas da seguinte maneira:

Século 16	**2**
Século 17	**5**
Século 18	**11**
Século 19	**1**

No século 16 temos duas ocorrências de ênclises nas subordinadas

1. " Mas eles como touros magoados das garrochas dos inimigos, bramindo, e assoviando, arremetiam com êles, e os magoavam bem, trazendo êles já muitas feridas; e assim se detiveram até chegar o esquadrão, **que** remetendo com aquele cardume, **desbarataram-no** logo, recolhendo aqueles dous valorosos soldados." (Diogo do couto)

2."Em casa cheia (disse Solino) depressa se faz a ceia, e em entendimento tão rico como o vosso, nem de cousas, nem de palavras pode haver pobreza; guarde-vos Deus de uns meus senhores que as pedem fiadas aos livros de cavalarias, com suas sentenças de cabo de capítulo, **que**, se se lhe atravessa um escarro de um dos ouvintes, **varreu-lhe** tôda a prègação da memória, e vão com a prática em muletas até tomarem assento com muito trabalho seu e de quem os escuta." (F.R. Lobo)

No século 17 temos 5 orações subordinadas com ênclise, sendo encontradas em três autores do período.

3."Nas minhas haverá tanta diligência, **que** pelo menos **desculpe-me** os meus desconcertos" (F.M. de Melo)

4. "Somos como os **que** navegando com vento e maré, e correndo velocissimamente pelo Tejo acima, se olham fixamente para terra, **parece-lhes** que os

montes, as torres, e a cidade é a que passa; e os que passam, são elles." (Vieira – sermões)

5. "O terceiro motivo de maior temor, que há no juízo dos homens, comparado com o de Deus, é **que** no Juízo de Deus as nossas boas obras **defendem-nos**, no juízo dos homens o maior inimigo que temos são as nossas boas obras." (Vieira-sermões)

6. "Deus julga como Juiz; os homens julgam como judiciários ; entre o juiz e o judiciário há esta differença, **que** o juiz suppõe o caso, o judiciário **adivinha-o**." (Vieira- sermões)

7. "Neste sossego, e a aceitação da gente ia entrando o Padre ANTÓNIO VIEIRA, e os mais Padres, **quando** o demónio temendo, que daquele pequeno esquadrão lhe podia vir grande guerra, **levantou-a** contra eles de sorte, que os pôs a risco, ou de serem mortos, ou lançados do Estado." (André de Barros)

No Século 18 concentra-se o maior números de orações subordinadas com ênclise, elas ocorrem em 5 autores, totalizando 11 ocorrências. Sendo que seis dessas ocorrências são do autor Verney.

8. "Donde vem **que** os Italianos, achando no Latim as letras dobradas, **pronunciaram-nas** como dobradas; e, por este mesmo princípio, pronunciando o Italiano com alguma semelhança do Latim, dobraram também as letras da sua língua; por cuja razão são nela desculpadas as repetições." (Verney)

9."Outros ainda fazem mais, **que**, achando muitas destas últimas palavras que aponto, como Senador, Consul, etc , **escrevem-nas** com letra pequena, principalmente se está unida a algum substantivo próprio, Joannes rex; Cicero cônsul" (Verney)

10. "Porque Quanto a Salústio, convêm todos **que** as suas frequentes ellipsis e o demasiado laconismo **fazem-no** duro e obscuro; mas é escritor de sumo peso e singular eloquência." (Verney)

11. "Temos o exemplos dos latinos, **que** quando adoptavam algumas palavras, estrangeiras, **pronunciavam-nas** com a pronúncia românica, e davam-lhe as próprias declinações latinas." (Verney)

12. "Muitos Portugueses que actualmente vivem, e de mui boa doutrina, defendem fortemente que se exclua o h, e achei um que sòmente o admitia **quando** distinguia uma dicção da outra; ouve pode significar teve, e também está ouvindo; onde, no significado de teve, **punha-lhe** o h, para não causar confusão." (verney)

13. "Achava-me eu em uma parte, em **que** certo Mestre de Filosofia, para examinar um rapaz, **mandou-lhe** traduzir aquelas palavras de São Paulo Coríntios Aemulor enimvos Dei æmulatione etc,que era o capítulo da Hora que estava rezando." (Verney)

14. Seja o que for , é certo **que**, se Vossa Mercê tivesse alguma via para as conseguir, **fazia-me** grande serviço para me acabar de ordenar, e tomar estado, já que estou há tantos anos sem o tomar." (Antônio da Costa)

15. "Não vê, **que** se não tem amor a outrem, **tem-no** a si; que se não tem ódio ao litigante humilde, tem-no ao poderoso, só porque na opressão deste quer fundar a sua fama; não vê, que se não tem interesse de alguns bens, tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da glória de as desprezar; e finalmente não vê, que se lhe falta o desejo da fortuna**,** sobra-lhe o desejo da reputação." (Matias Aires)

16. "Não vê, que se não tem amor a outrem, tem-no a si; que se não tem ódio ao litigante humilde, tem-no ao poderoso, só porque na opressão deste quer fundar a sua fama; não vê, que se não tem interesse de alguns bens, tem interesse de algum nome; e se não tem ambição das honras, tem ambição da glória de as desprezar; e finalmente não vê, **que** se lhe falta o desejo da fortuna, **sobra-lhe** o desejo da reputação." (Matias Aires)

17. "Debaixo do maior segrêdo revelo ... que esta concordância da Espanha está quási obtida; que o Príncipe da Paz acolheu com grande estima o General-em-Chefe; **que,** não obstante conservá-lo em grande incógnito, por conta de

Beurnonville, **argüiu-o** de não ter vindo mais cedo recorrer a êle." (Marquesa de Alorna")

18. "E se não sabe o que isto quer dizer, leia os orçamentos, veja a lista dos tributos, passe pelos olhos os votos de confiança; e se depois disto, não souber aonde e como se consolidou o pinhal da Azambuja, abandone a geografia que visivelmente não é a sua especialidade, e deite-se a finança, que tem bossa; fazemo-lo eleger aí por Arcozelo ou pela cidade eterna - é o mesmo - vai para a comissão da fazenda - depois lord do tesouro, ministro: é escala, não ofendia nem a rabujenta constituiçâo de 38, quanto mais a carta [... ... ...]O pior é **que** no meio destes campos onde Tróia fora, no meio destas areias onde se acoitavam dantes os pálidos medos do pinhal da Azambuja, a minha querida e benfazeja traquitana **abandonou-me**; fiquei como o bom Xavier de Maistre quando, a meia jornada do seu quarto, lhe perdeu a cadeira o equilíbrio, e ele caiu - ou ía caindo, já me não lembro bem - estatelado no chão" (Garrett – viagens a minha terra)

No século 19 encontra-se 1 oração com ênclise

19. "Para se fazer idéia de quanto o Governo de a Regência e os Desembargadores que condenaram meu tio estavam pronunciados contra ele, direi **que**, indo eu a Santa Martha, a casa de o Marquês de Borba, vestido de luto, e estando lá o meu tutor, **discutiu se** seriamente se nas poderíamos e deveríamos vestir luto por um tio que tinha sido condenado a morte por o crime de lesa-majestade." (Marquês da Fronteira d'Alorna)

A ênclise nas dependentes no período em questão ocorre em vários tipos de orações subordinadas. Apresento abaixo a classificação destas orações:

Orações relativas	1,2,4, 9, 11, 13, 17
Orações completivas com o verbo ser	5, 14,18
Orações Completivas	6, 8,10,15, 16,19
Orações temporais	12,7
Orações consecutivas	3

Numa primeira análise observo que um resultado importante da pesquisa é que em nenhum dos textos se encontra a conjunção subordinativa imediatamente seguida de vcl, o que indica que o que licencia a ênclise nesse tipo de oração é o elemento que fica entre o verbo e a conjunção.

Outro resultado muito importante é que a freqüência da ênclise nas orações dependentes não aumenta ao longo tempo, paralelamente ao que é atestado com as orações não dependentes. O século 18 concentra a maior parte das ocorrências, muito disso tem a ver com a presença do autor Verney, que é mais enclítico que outros autores mesmo nas orações principais (Cf. gráfico 1, ponto correspondente a 1713) , o que foi evidenciado por trabalhos anteriores (Paixão de Sousa 2004 entre outros).

Ressalto ainda que, mesmo no século 17, o maior número (3) de orações com ênclise são encontradas nos Sermões do Vieira, texto já apontado,(cf. Martins 1994, Galves 2003, GBPS 2005) tem uma tendência mais enclítica.

3.2.2 Orações dependentes iniciadas por porque

Nas orações encaixadas iniciadas por *porque*, a presença de ênclise também é bem marginal, e não se encontra nenhum *porque* imediatamente seguido imediatamente por vcl.

Encontram-se 14 orações do tipo, em nove autores que se distribuem da seguinte maneira[4]:

Autor	Nº de orações
Fernão Mendes Pinto	0
Francisco De Holanda	1
Diogo do couto	0
Luís de Sousa	0
F. Rodrigues Lobo	0
Manuel da Costa	1
Francisco M. de Melo	0
Antônio Vieira Cartas	2
Antônio Vieira Sermões	0
Antônio Chagas	0
Manuel Bernardes	0
José da Cunha Brochado	0
Maria do Céu	0
André de Barros	0
Contador de Argote	0
Alexandre Gusmão	0
Cavaleiro de Oliveira	1
Matias Aires	0
L.Antônio Verney	3
Antônio da Costa	0

[4] Assim como fiz com as subordinadas incluo os autores onde não há ocorrência da ênclise no contexto

Marquesa d'Alorna	3
Almeida Garrett	1
Marquês d'Alorna	0
Ramalho Ortigão	1
Total de orações	**13**

Por século as orações são divididas da seguinte maneira:

Século 16	**1**
Século 17	**4**
Século 18	**8**
Século 19	**1**

No Século 16 apenas uma ocorrência em um autor do período

20. "A este altissimo mestre e capitão nos perceitos convem seguir os pintores,mais que alguns outros studiosos e fazer o mesmo exemplo e ideas no entendimento d'aquillo que desejamos que venha a ser, assi que a idea é a maisaltissima cousa na pintura que se pode imaginar dos entendimentos, **porque** comoé obra do entendimento e do spirito **convem-lhe** que seja muito conforme a simesma, & como isto tever, ir-se ha alevantando cada vez mais e fazendo-sesprito e ir-se-ha mizclar com a fonte e exemplar das primeiras ideas, que heDeos." (Holanda)

No século 17 há 4 orações iniciadas por *porque* com ênclise,sendo encontradas em 3 autores distintos.

21. "**porque** àlem de que nunca mais lhe cruzou a porta, **manda lhe** dizer na primeiracitação, que lhe ha de cruzar a cara, se fallar na divida, ou se queixar ájustiça." (Manuel da costa)

22. “porque, se havemos de esperar que êles dêem o primeiro movimento a êste negocio, nunca se começará; **porque** a êles **está-lhe** muito melhor a guerra que a paz, e nós não estamos em tempo de a dilatar, porque na dilação crescerão os empenhos, e com êles a dificuldade da convencia.” Vieira cartas

23. “Entre as tentações de França àcêrca de nossas conquistas, ouvi dizer em Lisboae aqui, que não deixa de ser uma, e porventura a principal, o Rio de Janeiro,ajudando-se a ambição de uma espécie de justiça, **porque** antigamente, quando conquistámos aquelas terras, **tomámo-las** aos índios e a franceses, que êlesainda não estavam em um lugar do mesmo pôrto fortificados.” (Vieira cartas)

No século 18 há 8 ocorrências de ênclise

24. “Entendo que, achando-se Vossa Mercê tão mal-tratado da língua e da mão de Marfísio, não é conveniente que cuide em irritar também a sua espada, **porque** ainda que Vossa Mercê se ache aflito pelo título que recebeu de besta,**parece-me** que ficará muito mais magoado se se vir metido no número dos defuntos. (cavaleiro de oliveira)”

25. “Por agradecimento, **porque** esse pouco que sei, eles mo ensinaram, e, ainda que nas escolas não aprendesse tudo, **aprendi-o** conversando com eles particularmente, e lendo os seus autores.” (Verney)

26. “**Porque**, a falar verdade, **parece-me** ser aquela letra que em Portugal sepronuncia com alguma aspiração, porque a mesma natureza da letra o permite.” (Verney)

27. “**Porque** a paz pública, que o Príncipe promete aos que concorrem para tais exercícios, **pede-o** assim:” (Verney)

28. “porque, estando persuadido de que, quanto mais me afligisse e mortificasse,mais excitaria o interesse da Côrte a meu favor e, por conseqüência,

mais seseguraria a minha fortuna, **mortificou-me** quanto soube e quanto pôde."(Marquesa de Alorna)

29. "Diversões exteriores Fica provado na Memória Grande que a primeira hipótesenão pode durar mais de três meses, porque os interêsses das diversas potênciasas obrigam a seguir a impulsão briosa e forte das potências meridionais, e **porque**, além de todos os motivos grandes que as devem mover, agora mesmo,admirando e obedecendo a Buonaparte, **temem-no**, detestam-no e, no fundo do seucoração, devem desejar livrar-se dêle" (Marquesa de alorna)

30. "Eu não queria falar-lhe, **porque** isso **obrigava-me** a uma aparência muito necessária de evitar;" (Marquesa de Alorna)

31. "Georgina tinha a coragem de lhe resistir, de lhe nao responder todas as vezes que ele tentava quebrar o preceito de que dependia a sua vida, e a dela, **porque** a infeliz **amava-o,** oh!" (Garret – viagens à minha terra)

No século 19 encontra-se uma oração iniciada por porque com ênclise.

32. "os pequenos não devem sair nunca da areia, mesmo da areia húmida, **porque** a humidade do mar não constipa nem produz reumatismos, **cura-os."** (Ramalho ortigão)

Os dois conjuntos se comportam da mesma maneira (*conj V-cl, e o tipo de sintagma que aparece entre conj e V), mas optei por apresentar os dois conjuntos de oraçãões separadas, porque apesar de comportarem da mesma maneira, o porque é de alguma forma um facilitador da ênclise em dependentes (2% VS 0,14%)

A seguir apresento as especificidades das orações dependentes com ênclise.

3.2.3 Contextos de ocorrência de ênclise em orações dependentes

É preciso evidenciar que os dois conjuntos de oração têm algumas especificidades que apresento adiante.

3.2.3.1 O verbo da oração matriz das completivas

As orações subordinadas têm algumas características particulares como o verbo que seleciona o CP. Dentre as orações completivas 1/3 é selecionado pelo verbo ser, como ocorre no exemplo 5 dos exemplos apresentados neste capítulo 3

5. "O terceiro motivo de maior temor, que há no juízo dos homens, comparado com o de Deus, é **que** no Juízo de Deus as nossas boas obras **defendem-nos**, no juízo dos homens o maior inimigo que temos são as nossas boas obras." (Vieira-sermões)

O verbo ser é um de pouca carga semântica, e sempre seleciona um complemento. São orações explicativas, que introduzem alguma coisa que é apresentada como um fato.

As demais orações completivas são selecionadas pelos seguintes verbos

Ver – dizer –admitir- -convir – vir

Estes verbos podem ser classificados como epistêmicos, por expressarem ponto de vista, pensamentos, opiniões.

3.2.3.2 As orações relativas

Uma grande parte dos casos (1/3) é de orações relativas. Como pode ser observado no exemplo1:

2. " Mas eles como touros magoados das garrochas dos inimigos, bramindo, e assoviando, arremetiam com êles, e os magoavam bem, trazendo êles já muitas feridas; e assim se detiveram até chegar o **esquadrão**, **que** remetendo com aquele cardume, **desbarataram-no** logo, recolhendo aqueles dous valorosos soldados." (Diogo do Couto)

Esta oração relativa tem um pronome clítico lembrete, que retoma um DP da oração matriz, evidenciando a relação estreita, entre as duas orações..

3.3.2.3 Os elementos que precedem o verbo nas orações dependentes com ênclise

Os dois grupos de oração possuem características em comum, e a ênclise vai acontecer no mesmo contexto:

a) Nunca se encontra [Conj Vcl]

b) elementos que ocorrem antes do verbo

- oração adverbial + vcl – 22 ocorrências
- sujeito + **oração adverbial** +vcl - 1
- sujeito +vcl - 4
- sintagma preposional +vcl - 4
- sujeito+ sintagma preposional +vcl - 1 ocorrência.

Em relação a isso, os dois conjuntos de dados parecem se comportar de maneira muito parecida.

3.2.3.4 Modo indicativo

Outra coisa que todas as orações têm em comum é que a ênclise só ocorre em orações em que o verbo está no modo indicativo, e são verbos do tipo factuais, são verbos que introduzem um fato. A única exceção é a oração 3 apresentada neste capítulo:

3. "Nas minhas haverá tanta diligência, **que** pelo menos **desculpe-me** os meus desconcertos" (F.M. de Melo)

3.2.3.6 Os clíticos nas orações dependentes com ênclise

Analisando os dados é interessante ressaltar que encontro apenas uma ocorrência do pronome clítico "se", o exemplo 19 que transcrevo parcialmente abaixo:

19. “Para se fazer idéia de quanto o Governo de a Regência e os Desembargadores que condenaram meu tio estavam pronunciados contra ele, direi **que**, indo eu a Santa Martha, a casa de o Marquês de Borba, vestido de luto, e estando lá o meu tutor, **discutiu se** seriamente se nas poderíamos e deveríamos vestir luto por um tio que tinha sido condenado a morte por o crime de lesa-majestade.” (Marquês da Fronteira d’Alorna)

Todos os outros dados são com os pronomes **o, a, lhe, me** e em muitos casos são clíticos que retomam informação já apresentadas, sejam DP da oração matriz ou mesmo constituintes que estão entre o verbo e o complementador[5], o que pode ser observado nos exemplos abaixo nas orações 10, 13 e 23 apresentadas neste capítulo.

10. “Porque Quanto a **Salústio**, convêm todos que as suas frequentes ellipsis e o demasiado laconismo fazem**-no** duro e obscuro; mas é escritor de sumo peso e singular eloquência.” (Verney)

13.“Achava-me eu em uma parte, em que certo Mestre de Filosofia, para examinar um **rapaz, mandou-lhe** traduzir aquelas palavras de São Paulo Coríntios Aemulor enimvos Dei æmulatione etc,que era o capítulo da Hora que estava rezando.” (Verney)

23. “Entre as tentações de França à cêrca de nossas conquistas, ouvi dizer em Lisboae aqui, que não deixa de ser uma, e porventura a principal, o Rio de Janeiro,ajudando-se a ambição de uma espécie de justiça, porque antigamente, quando conquistámos **aquelas terras**, **tomámo-las** aos índios e a franceses, que eles ainda não estavam em um lugar do mesmo pôrto fortificados.” (Vieira cartas)

3.2.4 Resumo

Em suma, até aqui, mostrei que os verbos das orações dependentes com clítico pós-verbal estão todos no indicativo. Que nestas orações encontro apenas um clítico “se”, que muito desses clíticos são pronomes de retomada. E ressalto dois fatos muito importantes que já mencionei acima:

[5] Estão em negrito pronome clítico e o elemento retomado pelo pronome.

- A ênclise nas dependentes não varia ao longo do tempo;
- A ênclise só ocorre quando pelo menos um constituinte entre o verbo e complementador.

Para caracterizar melhor a ênclise vou compará-las com as orações proclíticas. Em seguida comparo com dados de outras línguas ibéricas.

3.3 A próclise em orações dependentes

A próclise é a ordem predominante nas orações dependentes. Isso ocorre, pois a conjunção subordinativa funcionaria como desencadeadora da próclise. A próclise vai ocorrer em todos os autores em orações dependentes, durante todo o período. Apresento alguns exemplos:

33. "Algumas cousas degeneram à proporção, **que se afastam** do seu primeiro ser" (Matias Aires)
34. "A união, e teor, **com que se fundara** esta Província, na consideração de alterado, fez tal impressão em muitos ânimos, que se temeu o religiosíssimo coração moderno, que a Companhia de JESUS o demitisse de si". (André de Barros)
35. "Mau grado a quem pesar esta felicidade, não sei verdadeiramente o que respondi à princesa Pórcia, porém como ela é daquelas **que nos podem enfiar** pelo fundo duma agulha, fui metendo agulhas por alfinetes, e avivou-se um discurso da sua parte tão discreto que me vi abarbado para poder tirar nele o pé do lobo"(Caveleiro de Oliveira)
36. "Não dais lugar a que eu vos peça, **porque me mandais** tudo." (Lobo)
37. "E tomãdo por principio desta minha peregrinação o que passei neste Reyno, digo que despois que passei a vida atê idade de dez ou doze annos na miseria &estreiteza da pobre casa de meu pay na villa de Montemór o velho, hum tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para milhor fortuna, **me trouxe** a cidadede Lisboa, & me pos no serviço de uma senhora de geração assaz nobre, & deparentes assaz illustres, parecendo-lhe que pella valia assi della como dellespoderia haver effeito o que elle pretendia para mim." (Fernão Mendes Pinto)

Nenhuma das restrições das orações enclíticas apresentadas acima se aplicam às orações proclíticas.

O contexto onde o verbo segue imediatamente o complementador é produtivo para a ocorrência da próclise, nesse ambiente a ênclise nunca ocorre como mostrei anteriormente. A próclise, entretanto, ocorre em todos períodos, em todos os autores, mesmo depois do século 18, período em que a ênclise se generaliza como ordem preferência no PE.

Apresento alguns exemplos:

38. "O outro dia nos partimos deste Mosteyro em boas cavalgaduras **que** este Principe nos mandou dar, com quatro homens seus , os quais nos foraõ agasalhando por todo o caminho esplendidissimamente, & fomosdormir a umas casas grandes **que se dizião** Betenigus, que quer dizer casas deRey, cercadas em distancia de mais de tres legoas de arvoredo muyto alto deaciprestes, & cedros, & palmeyras de datiles & cocos como na India" (Fernão Mendes Pinto)

39. "N'este vastissimo deserto, e n'este profundissimo silencio de tudo o que foi,sabemos **que se ouvirá** em um e outro hemispherio o som de uma trombeta, a cujavoz portentosa se levantarão d'aquelle sepulchro universal todos os mortos,vivos:" (Sermões Vieira)

40. "Paulo Emílio, aquele grande homem que destruiu, na pessoa de Perseu, o império de Macedónia, antes de tornar para Roma, pediu aos Atenieses **que lhe buscassem** um excelente filósofo para acabar de instruir seus dois filhos." (Verney)

41. "Bem vejo **que te deixei** parado à minha espera no meio da ponte da Asseca." (Garret)

42. "Doeu-se ele, **porque lhe tocaram** em chaga que estava em carne viva, tanto ou mais que o primeiro dia."(Diogo do Couto)

43. "Esta economia me agrada muito, **porque me persuado** como coisa infalível quequando tenho a minha bolsa numa mão tenho na outra o vosso coração." (cavaleiro de oliveira)

Mesmo nos contextos em que a ênclise ocorre quando há constituintes entre o complementador e o verbo com o clítico, as orações dependentes são bem produtivas para a ocorrência da próclise. Abaixo apresento apenas poucos exemplos:

a) Complementador +sintagma preposicional + clV

44. Mandou **que** *no cativeiro dos índios* **se seguisse** inviolavelmente o parecer,e opinião, em que assentara toda aquela ilustre, e sábia Junta dos Letrados,que mandara para esta decisão convocar. (André de barros)

45. "Eu passo bem **por que** *em toda a parte* **me faz** Deus tanta mercê que acho conformidade com a sua vontade." (Vieira- cartas)

b) Conj + sujeito + clV

46. "Todas estas cerimónias se acompanhavam dum formulário de orações, que se repetiam muitas vezes, com as quais se pedia a ternura e a brandura do objecto **por que** *elas* **se faziam**" (Cavaleiro de oliveira).

47. Porque, suposto **que** *a fortuna* **me tirou** tudo o que pôde, não entrou na alma,donde os bons respeitos tem seu assento. (F.M. de Melo)

Quando há apenas um constituinte entre o complemendor e o verbo, a ocorrência de próclise é bem recorrente. O contexto é bem favorável a colocação pré verbal do pronome clítico.

c) Complementador+ oração adverbial + clV

48. "E tomãdo por principio desta minha peregrinação o que passei neste Reyno, digoque despois que passei a vida atê idade de dez ou doze annos na miseria &estreiteza da pobre casa de meu pay na villa de Montemór o velho, hum tio meu,parece **que**, *desejoso de me encaminhar para milhor fortuna*, me **trouxe** a cidadede Lisboa, & me pos no serviço de uma senhora de geração assaz nobre, & deparentes assaz illustres, parecendo-lhe que pella valia assi della como dellespoderia haver effeito o que elle pretendia para mim." (Fernão Mendes Pinto)

49. "**Por que**, *ainda que as janellas da Igreja avezinhaõ à rua*, **lhe fica** distantepenetrar o pranto de huma criança janelas e portas fechadas, a taõ longeretiro." (Maria do Céu)

Este contexto se mostrou pouco produtivo para ocorrência da próclise nas orações com *porque*, encontrei poucos exemplos, o que evidencia que a presença da oração adverbial é uma grande facilitadora para a ocorrência da ênclise.

Na seção anterior afirmo, também, que a ênclise só ocorre na grande maioria orações dependentes com o verbo no modo indicativo. A próclise ocorre tanto nos modos indicativo,como pode ser observado nos exemplos que apresentei, tanto nas orações com o verbo no modo subjuntivo, como mostro nos exemplos que seguem:

50. "Poz-lhe na maõ huma bolça de dobrões, que disse achara perdida, e **pedio**-lhe e com muita submissão, e modestia, **que a publicasse** ao auditório, e arestituisse a quem mostrasse que era seu dono, dando os verdadeiros sinaes della, e do que continha." (Manuel da costa)

51. "Com grande mágoa do meu coração, vou participar a Vossa Alteza que, havendo-se noticiado a El-Rei o interdito que Vossa Alteza mandou impor na cidade doPorto e seus subúrbios, somente com o pretexto de não haver cumprido oProvisor daquele bispado os mandados do Vigário-Geral de Braga, expedidos em nome de Vossa Alteza, e as instâncias da Irmandade dos Terceiros **Espero que** a divina justiça **se apiedasse** dele na hora dos últimos arrependimentos.(Garret)

52. "não **porque me pudessem** fazer nenhum mal em Viena, mas porque talvez seriam causa de se dar um grande escândalo no Porto, contando a algumas pessoas queeu me tinha feito luterano em Alemanha, sòmente por entenderem que bem o mostravam as palavras com que eu falava da (Antônio da Costa)

Ressalto também os verbos que selecionam o CP dependente não são epistêmicos.

Estes exemplos, que apresento acima, são apenas alguns exemplos da ocorrência da próclise nas orações dependentes, a colocação pré-verbal do clítico é a ordem preferencial em contexto de subordinação no PE, assim como em outras línguas ibéricas. Mas assim como no PE

e PCl, nas línguas ibéricas, e em outros momentos da história da língua portuguesa observo ênclise nas orações dependentes, como mostro na próxima seção.

3.4 A ênclise em orações dependentes em outras línguas ibéricas e nas gramáticas do português

Os dados de ênclise em orações dependentes entre os séculos 16 e 19 são muito poucos, apenas 0,22% das orações. Apesar de ser um fenômeno marginal ocorre em todo o período em questão. O fenômeno também é observado em outros períodos da língua.

3.4.1 O Português Arcaico

Ribeiro 2009 apresenta exemplos de ênclise em contexto de dependência no Português Arcaico (doravante PA). Observe o exemplo abaixo:

53. "E mãdamos **que** se alguu ome demanda contra el rey peça**lhy** mercee en puridade" (FR – XIII)

54. "Ja ora podes entender, Pedro, **que** aquelas cousas que Deus ordïou e soube ante que o mundo fosse feito, compriron-**se** pelas orações dos santos homens" (DSG – XIV)

55. "e **porque** dos bëës das vertudes que se pagava huum, pagava-**se** o outro"(DSG – XIV)

56. "e a leis e justiça eram taaes como a tea da aranha, na quall os mosquitos pequenos caindo som rreteudos e morrem em ella, e as moscas grandes e **que** som mais rrijas, jazendo em ella, rrompem-**na** e vaan-**sse"** (CDP – XV)

Observamos que os dados apresentados por Ribeiro para o PA tem as mesmas características dos dados extraídos do *Corpus T*ycho Brahe :

- As orações são do mesmo tipo: completivas selecionadas por verbos epistêmicos, relativas, orações inciadas com *porque;*
- Sempre há pelo menos um sintagma entre o complementador e o verbo.

3.4.2 O Português Europeu moderno

Vigário e Frota(1998) apresentam dados de ênclise em orações subordinadas no Português contemporâneo. As autoras afirmam que a próclise é majoritária na língua, mas que a ênclise é possível. Observe:

57. O Pedro disse **que** a Maria **deu-lhe** o recado

58. O Pedro disse **que** o livro encomendado à Biblioteca Nacional **foi-lhe** entregue ontem.

59. Tem chovido tanto **que**, quanto à região do Mondego os campos **alagaram-se** excessivamente

60. As autoras ressaltam também que, a exemplo do que acontece nos dados deste trabalho, a ênclise só é possível em orações dependentes quando há pelo menos um constituinte não nulointervindo entre o complementador e o verbo.

61. *O João disse que viu-a (viu-a).

62. * O João disse que deram-lhe o recado (lhe deram)

Comparando estes dados com os dados que já apresentei anteriormente (PCL, PE e PA), nota-se que a ênclise só ocorre preferencialmente com verbos no indicativo (com a exceção do dado pecalhy do PA). E a oração adverbial aparece mais uma vez como facilitadora da ênclise. Esses exemplos confirmam uma hipótese que levantei com os dados do *Corpus* Tycho Brahe, que apesar de todas as mudanças ocorridas na história do Português Europeu, e de ser um fenômeno bem marginal, a ênclise é possível em todas essas gramáticas. A questão que coloco mais uma vez é como essas gramáticas, geram, pelo menos ao que parece, o mesmo tipo de construção?

3.4.3 O asturiano – Conservador e moderno

Uma língua ibérica foi recentemente descrita quanto a este fenômeno, trata-se do asturiano. Fernandez-Rubiera (2008) mostra que nessa língua, nos dialetos moderno e

conservador, a ênclise também é possível nas orações dependentes. O autor afirma que as dependentes são um contexto de variação da posição dos pronomes clíticos na variante do asturiano que ele chama de conservador (doravante AstC)e também na variante moderna (doravante AstM). As variantes do Asturiano têm semelhanças e algumas diferenças com o PE. Observe:

63.1. *Digo* [qu'**ayúdame**] AstC
dizer1SG que- ajudar3SG-IND-meCL

63.2. Digo [que **me** ayuda]

dizer1SG que- ajudar3SG-IND-meCL

"Digo que me ajuda"

64. *Repíto*te [que yo **dexélo** aquel diecisiete de mayu] [***lo** dexé]
repetir1SG-teCL que I deixar 1SG-IND- ele CL que 17 de maio

"Repito-te que o deixei em 17 de maio"

(Cf. Fernandez Rubiera pág. 82 e 83)

Como ocorre nos dados do português os CPs dependentes são selecionados por verbos epistêmicos, e os verbos com ênclise estão no modo indicativo. Por outro lado, os dados acima mostram que no AstC a ênclise pode ocorrer mesmo quando não há nenhum constituinte intervindo entre o complementador e o verbo. Fernandez Rubeira ressalta que a próclise também é possível. Entretanto no AstM a ênclise só é possível quando há pelo menos um constituinte, intervindo entre complementador e o verbo. Observe:

65.1) Yo dígote [que Luis ayúda**me** muncho] [***me** ayuda] AstC/AstM
I dizer1SG-te-CL that Luis ajudar3SG-meCL muito
"*Eu te digo que o Luiz meu ajuda muito"*
65.2)Pedro diz [que a los guajesi topó**los**i nel chigre] [***los** topó] AstC/AstM
Pedro dizer3SG que as crinças acharam-themCL no bar

"Pedro says that the kids, he found them at the bar

(Cf. Fernandez-Rubiera 2009 pág.133)

O autor afirma que as construções acima são possíveis nas duas variantes do asturiano. O que é interessante é que, ao contrário do português onde a ênclise pode ocorrer quando há um tópico, a ênclise neste contexto é obrigatória nas duas variantes do asturiano , o que nesse aspecto, as afasta das demais línguas ibéricas.

Por fim os dados apresentados neste capítulo mostram que a próclise é a ordem preferencial em orações dependentes na história do PE, mas que apesar disto a ênclise, mesmo que marginal, ocorre em toda a história da língua, apesar de todas as mudanças ocorridas. Retomo dados apresentados por Fernandez-Rubiera (2009) que mostram que a ênclise também é possível em contexto de subordinação em duas variantes do asturiano. E ainda confronto os dados retirados do *Corpus* Tycho Brahe, com dados para outros períodos da história da língua portuguesa, apresentados por outros pesquisadores. No próximo capítulo apresento alguns estudos sobre a ênclise em dependentes, e proponho uma análise para os dados apresentados aqui.

4. A análise da ênclise em orações dependentes

Neste capítulo apresento alguns trabalhos anteriores sobre a colocação de clíticos em orações dependentes, especialmente no que tange a ênclise nesse tipo de oração. Destaco os trabalhos de Fernandez-Rubiera sobre a ênclise em dois dialetos do asturiano e em outras línguas ibéricas; o trabalho de Ribeiro (1995,2009) sobre a ênclise em orações dependentes do Português Arcaico; e o estudo desenvolvido por Vigário e Frota (1998) para a colocação de clíticos no Português Europeu. No final do capítulo proponho uma análise para a colocação de clíticos em dependentes na história do PE.

4.1 As análises para ênclise em dependentes

4.1.2 O peso fonológico e a colocação de clíticos no PE

Vigário e Frota (1998) afirmam que a colocação pronominal no PE está sujeita às questões prosódicas e entoacionais. E dizem ainda que o peso fonológico tem papel importante na formação das orações subordinadas enclíticas.

Vigário e Frota assumem que a ênclise nas orações matrizes é o não marcado no PE, e que a próclise só é desencadeada por alguns gatilhos: complementadores, advérbios, quantificadores afetivos. Nas orações subordinadas com o complementador preenchido, a ordem esperada é a colocação pré-verbal do pronome clítico. Observe os exemplos abaixo:

1. O João disse **que** os campos **se alagaram**.
2. O Pedro disse **que** o livro **lhe foi** entregue ontem.

A próclise é a ordem esperada em orações dependentes com o complementador preenchido. Mas as autoras afirmam que a ênclise é possível neste tipo de oração, toda vez que há uma fronteira entoacional entre o complementador e o verbo. Observe os exemplos

3. O João disse que, segundo os jornais, os campos alagaram-se.
4. O Pedro disse que o livro encomendado à Biblioteca N. foi lhe entregue ontem

A proposta das autoras se baseia em trabalhos anteriores sobre prosódia e entoação do PE. Frota e Vigário(1998) mostram que a formação do sintagma entoacional (I) no PE, como em várias outras línguas, junta os constituintes adjacentes numa mesma frase-raíz, num único I. As autoras afirmam que os tópicos ou expressões parentéticas podem constituir um I, independentemente do que precede ou segue na frase (cf. Selkirk 1984, Nespor & Vogel 1986, Rice 1987, Kanerva 1990, entre outros). Elas ainda ressaltam que alguns fatores como extensão, favorecem a formação de outro sintagma entoacional. A formação do I é mostrada em alguns exemplos como os abaixo (Cf. Frota e Vigário, 1998):

5. [[esta introdução][apresenta][a hierarquia prosódica]]I
6. [esta introdução]I [segundo as autoras]I [apresenta a hierarquia prosódica]I

.

Para as autoras a ênclise vai ocorrer sempre que houver um elemento pesado, ou uma parentética, ou um tópico, entre o gatilho e clítico. O que esses elementos têm em comum, é que eles formam um sintagma entoacional, o que se configura como uma fronteira entre o clítico e o gatilho. E é dessa forma que ênclise é derivada em orações dependentes

Observe alguns exemplos de dependentes com clítico no PE:

7. O João disse que a viu (*viu-a)

8. O João disse]I que a Maria lhe deu (*deu-lhe) um beijo

9. O Pedro disse **que [**o livro encomendado à Biblioteca N.]I **foi lhe** entregue ontem

Nos exemplos apresentados neste capítulo 7 e 8 ,segundo as autoras, a ênclise não é possível. Na primeira oração não há nenhum constituinte entre o complementador e o verbo. Na segunda oração, apesar de haver um constituinte, ele não se configura como uma fronteira entoacional, derivando-se portanto a ordem pré-verbal do clítico. No último exemplo 9 a ênclise é licenciada pela fronteira entoacional formada pela oração que está entre o complementador e o verbo.

4.1.2 Ribeiro: parataxe e recomplementação

Como mostrei no capítulo anterior Ribeiro (2009) também questiona a afirmação da próclise ser a ordem categórica em orações dependentes na história do PE. Embora o fenômeno da ênclise em sentenças dependentes seja marginal nas línguas românicas, Ribeiro (2009) mostra que isto ocorre no PA. A autora propõe uma análise dentro do quadro Teórico apresentado por Rizzi, em que a categoria CP é dividida em várias categorias funcionais distintas.

A colocação de clíticos no PA segundo Ribeiro ocorre da seguinte maneira:

Contextos de Variação ênclise/próclise

A variação ênclise próclise ocorre: (Cf. Ribeiro 2009)

- DP referencial, Advérbios

10. Entõ chamo*u*-o o abade (FLOS – séc. 14)

11. Entõ lhi disse o abade (FLOS – séc. 14)

12. Entõ o bispo disse-mi (FLOS – séc. 14)

13. Entõ o sancto homem lhi disse (FLOS – séc. 14)

14.E eu preguntey-o (FLOS – séc. 14)

15. E ela o preguntou (FLOS – séc. 14)

Orações com ordem SV também são contextos de variação ênclise/próclise.

Ênclise obrigatória - contexto V1 - sentença raiz

a) sentenças imperativas, optativas, interrogativas sim/não e declarativas V1

16. -Anastasio, ven-**te** (DSG - XIV)

17. Rogo-**te** por aquel a que tu vaas que... (DSG - XIV)

b) Sentença declarativa raiz introduzida por uma conjunção de coordenação, segundo Ribeiro (2009) a ênclise predominante, mas que a próclise também ocorre.

18. E tornaron-**se** muit'agïha (DSG - XIV)

19. E deu**lhy** poder de guyar e de mandar seu poobo (FR - XIII)

Próclise obrigatória

A próclise é derivada quando o verbo é precedido por quantificadores, expressões adverbiais, complementadores. Em orações subordinadas com o complementador preenchido a próclise é a ordem esperada.

Ribeiro(2009), entretanto, mostra que apesar de a próclise ser predominante, as orações subordinadas são contexto de variação próclise/ênclise no PA.

20. a riba do mar de que **me** parti (DSG – XIV)

21. E mãdamos **que** se alguu ome demanda contra el rey peça**lhy** mercee en puridade (FR – XIII)

Ribeiro atesta que as ênclises em orações dependentes acontecem em vários tipos de textos, em diversos tipos de orações dependentes – completivas, relativas, consecutivas, relativas, outras, o que pode ser comprovado nos exemplos abaixo: (cf Ribeiro, 2009)

22. E mãdamos **que** se alguu ome demanda contra el rey peça**lhy** mercee en puridade (FR – XIII) (completiva)

23. Et aquelles mourros eram tã muytos que, fiandosse ëna muytedüem, partirõ**se** et... (Ogando 1980:266) (Martins 1994) (consecutiva)

24. que as leis e justiça eram taaes como a tea da aranha, na quall os mosquitos pequenos caindo som rreteudos e morrem em ella, e as moscas grandes e que som mais rrijas, jazendo em ella, rrompem-**na** e vaan-**sse** (CDP – XV) (relativa)

4.1.21 Parataxe e hipotaxe

Ribeiro (2009) levanta a questão do estatuto sintático dessas orações dependentes em que ocorrem as ênclises, quanto a serem estruturas de parataxe – duas orações têm status de orações matriz, ou hipotaxe – (subordinada)-, tal qual proposto por Uriagereka (1995). Neste trabalho Uriagareka propõe que as estruturas paratáticas devem ter o verbo no indicativo e ainda admitir tópicos pendentes. Ribeiro (2009) afirma que, especialmente no que diz respeito a orações relativas, é difícil assumir que são, de fato, expressões paratáticas, mas que a existência do tópico pendente parece ser mesmo relevante para ocorrência de ênclise em dependentes.

4.1.2.2 CP expandido

Ribeiro (2009) assume a proposta do CP expandido (Rizzi 1997, Benincá e Poleto 2004) para explicar o fenômeno das ênclises no PA. O CP em orações dependentes seria configurado da seguinte forma:

25. …[**ForçaP** que [TopP [FocoP [**FinP** [IP S V O ....]]]]]

Nesse sistema, Força se define como a relação entre o discurso e a oração. Já Finitude é definido como a relação entre o sistema de complementador da oração encaixada e o verbo, que em algumas línguas acarreta, inclusive, concordância de número e pessoa, entre verbo

e complementador. Ainda é preciso considerar que Tópico e Foco não são projetados se não houver elementos focalizados ou topicalizados, nesse caso Ribeiro afirma que há duas possibilidades : a) dois núcleos são projetados, em CP dividido (Rizzi 1997), o complementizador é gerado em Fin, e se move para checar traço de Força. b) Força e Finitude são projeta em núcleo sincrético projetados como um núcleo sincrético

26. a)…[$_{ForceP}$ que$_i$ [$_{FinP}$ … ~~que~~$_i$ [$_{IP}$ …]]]

b) [Força/FinP que [IP]]

Ribeiro afirma que nas orações dependentes com recomplementação não é possível a ênclise. A recomplementação é o fenômeno onde ocorrem dois complementadores, no mesmo CP dependente.

27. mas pareceme **que** se lho avezarem **que**o beberam de boa vontade (Caminha – XV)

28. mandou ocapitam aos nauios pequenos que fosem mais chegados aatrra e **que** se achassem pouso seguro peraas naaos **que** amaynasem (Caminha -XV)

Nas orações em que isso acontece não foi encontrada ênclise no PA. A ênclise só ocorre quando o CP dividido é selecionado e um tópico intervém entre o verbo e o complementador.

29. Ja ora podes entender, Pedro, [$_{FORCE}$ **que** [aquelas cousas que Deus ordiou e soube ante que o mundo fosse feito,] [$_{FIN}$ compriron [$_{IP}$ **se** t$_V$ pelas orações dos santos homens]]

Ribeiro (2009) analisa os exemplos acima da seguinte forma: Finitude sempre deve ter uma realização lexical, seja pela presença do complementador, seja pela presença do verbo finito. Quando não há o complementador, o verbo se move para Fin, e a ênclise pode ocorrer. Então o movimento verbal é o que possibilita a ênclise nesse tipo de oração, movimento que só é possível quando há um tópico pendente (audível ou não) entre o complementador e o verbo.

4.1.3 A proposta de Fernandez-Rubiera para a ênclise em línguas ibéricas

4.1.3.1 O Asturiano

Como mostrei no capítulo 3 Fernandez-Rubiera, contra vários autores que postulam que a próclise é a ordem categórica nas subordinadas em línguas ibéricas (Martins 1994, Meier D'Andrés 1993, entre outros), argumenta que para o falante de uma variante do asturiano, a que ele se refere como Asturiano Conservador (doravante AstC), a ênclise é obrigatória em determinadas orações dependentes(a) , e ocorre opcionalmente em outros contextos (b).

a) Tópico-sujeito pré verbal:

30. Repítote [que yo dexé**lo** aquel diecisiete de mayu] [***lo** dexé] AstC
repetir1SG-teCL que I deixar 1SG-IND- ele CL que 17 de maio

"Repito-te que o deixei em 17 de maio"[6]

(Pablo, cf. Rubiera-Fernandez, 2009 p.82)

b) Contexto de variação

31. Digo [qu'ayúda**me**] AstC
dizer1SG que- ajudar3SG-IND-meCL

32. Digo [que **me** ayuda]

dizer1SG que- ajudar3SG-IND-meCL

"Digo que me ajuda"

(Extraído de Vejo cf Rubiera-Fernandez,2009 p.83)

[6] As traduções foram feitas por mim, tradução livre.

Fernandez-Rubiera (2009) argumenta que há uma diferença de interpretação entre 31 e 32. A primeira tem interpretação de +convicção que vem do estado de "crença" do sujeito da matriz ou do falante em relação ao que está sendo dito.

Fernandez-Rubiera afirma que a ênclise ocorre nas dependentes em AstC sempre que:

- Há um tópico na periferia esquerda do CP da oração dependente

33. " creer [que *dempués de tou esti tiempu* da**te** más la mio opinión?] [***te** da]6
Acreditar quet depois de todo este tempo preocupar3SG-IND-vocêCL a minha opinião"

"(Você que que eu) acredite que depois de todo este tempo você se preocupara com a minha opinião?" (*cf. Fernandez – Rubiera 2009 p.85)*

- o CP complementador for selecionado por verbos epistêmicos, verbos como falar, dizer, verbos de opinião

34. Paezme [que eso va-**y** mui bien] [***-y** va]
Parecer 3SG-meCL que isto cair3SG-IND-eleCL muito bem

"Eu acho que isto lhe cai muito bem." [Cf. *Fernandez Rubiera 2009* p.86*)*]

- Quando o verbo que seleciona o CP complementador é negar

35. Niega [qu'esti xueves (…) nueche comportó**se** porcazmente?][***se** comportó]8
Nega 3SG que -essa quinta noite comportar 3SG-IND-rflCL porcamente

"Negas que se comportou porcamente na ultima quinta a noite"

[cf. Fernandez-Rubiera 2008 p.85]

- Em contextos de explicativo introduzido por *porque*

36. Debió ser en barcu, [porque don Marino sosprendió**se**] [***se** sosprendió]
Dever3SG serINF em barco porque Mr Marino supreender3SG-IND-rflCL

"Deve ter sido um barco, porque dom Marino se supreendeu"

[cf. Fernandez-Rubiera p.87]

Fernandez-Rubiera ressalta que sempre que a periferia esquerda estiver preenchida por um tópico e em orações com *porque* explicativo ocorre a ênclise. Nos demais contextos enumerados acima há alternância próclise/ênclise.

37. a. (A mí) paezme qu'escribiéron**lo** bien AstC

(Amim) parecer3SG-meCL que-escrever PL-IND-oCL bem

b) (A mí) paezme que lo escribiéron bien AstC

(Amim) parecer3SG-meCL que -oCL -escrever PL-IND bem

"Parece me que o escreveu bem."

[de D'Andrés (1993: 27)]

38. . a. Xulia pensó que dixéra**lo** Mon CAst

Xulia pensar3SG that dizerpass.3SG-IND-oCL Mon

b. Xulia pensó que **lo** dixera Mon

Xulia pensar3SG that oCL dizerpass.3SG-IND- Mon

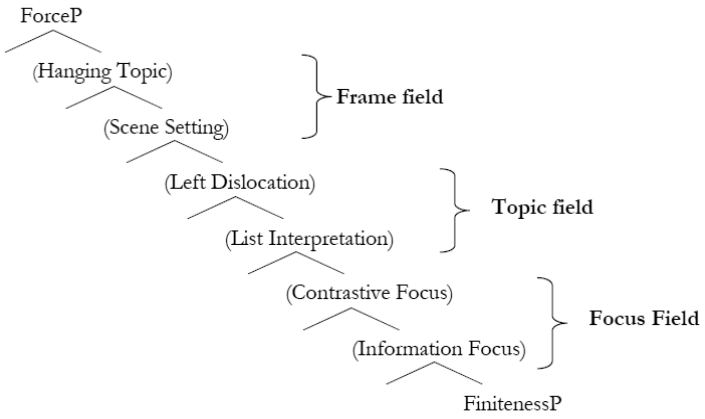
"*Xulia acha que Mon o dissera"*

Como mencionado acima, quando a ênclise ocorre em orações subordinadas finitas, Fernandez-Rubiera diz que isso marca a "convicção" do falante, e este traço pragmático [convicção], tem valor nulo quando há ocorrência de próclise. Nestes exemplos enquanto em 1a e 2a o falante tem convicção do que está sendo dito, no segundo existe uma dúvida. Isto é sintetizado pelo autor no quadro abaixo:

Tipos de subordinada	Interpretação	Padrão clítico	Convicção atribuída
CP selecionados por verbos epistêmicos	[+convicção] [-convicção]	Pós verbal Pré verbal	Sujeito da oração matriz
CP não complemento	[+convicção] [-convicção]	Pós verbal Pré verbal	falante

Assim como Ribeiro (2009b), Fernandez-Rubiera adota a proposta de Rizzi (1996) e Benincá e Polleto (2004), para o CP das línguas ibéricas:

A periferia esquerda em orações matriz em línguas ibéricas (Cf. Fernandez-Rubiera2009)



Este traço [convicção] é da pragmática, e é atribuído ao sujeito da oração raiz ou, em alguns casos, como em orações iniciadas por *porque*, ao falante. Com base nisso, Fernandez-Rubiera vai argumentar que na verdade em AstC existem dois tipos de complementadores - que 1 e que2. Quando ocorre que1, que é gerado em Força, há uma interpretação de [+convicção]. Entretanto que2 ocorre em Fin e tem interpretação de [-convicção].

Força' Forçaº Finitude' *que1* [+convicção] Finº CliticP *que2* … [-convicção]

Fernandez-Rubiera(2009) ressalta que a seleção de Fin por um verbo da matriz não é compatível nem com a ênclise, nem com elementos na periferia esquerda. A ênclise é engatilhada quando o predicado raiz seleciona Força, que tem o traço [+convicção], e ocorre um

movimento do verbo para a Fin, Segundo o autor, é uma regra de último recurso destinada a satisfazer o que ele intitula de condição de borda. O autor afirma que em línguas ibéricas FinP é uma fase (no sentido de Chomsky 2001), e por essa razão, está sujeito a esta condição de borda, devendo ser preenchida por: um movimento de núcleo para Fin0, ou por um constituinte que está em movimento A', e passe pelo Spec de Fin .

Abaixo exemplos da subida do verbo para Fin em orações com o traço [+convicção]:

Digo … + Forçaº e [+convicção] interpretação
dizer3sg

a. Dizer 3sg [TP ayuda Tº [*v**P (*pro*) [*v**º ~~ayuda~~ …]]]
b. [Fin' Finº [CliticP me [TP ayuda Tº [*v**P (*pro*) [*v**º ~~ayuda~~ …]]]]]
c. [Fin' ayúdame Finº [CliticP ~~ayúda~~ me [TP ~~ayuda~~ Tº …]]]

d. [Force' *que1*[+conviction] Forceº [Fin' ayúdame Finº …]]

"Digo que me ajuda"

Em suma Fernandes-Rubiera postula que :

1. O clítico pode ocupar posição pós verbal em orações dependentes finitas. Este padrão é efeito colateral do verbo que seleciona o CP dependente, e a necessidade de FinP estar preenchido, para satisfazer condição de borda.

2. Quando que1 é selecionado 1 há possibilidade de preenchimento da periferia esquerda com tópico ou foco, com a interpretação de mais convicção atribuído pelo sujeito ao conteúdo da oração matriz.

3. Quando há seleção que2, não há possibilidade de elemento na periferia a esquerda da oração, e só é possível a próclise.

Ainda ressalta que o *porque* explicativo seleciona força e nesse contexto sempre ocorrerá ênclise Enquanto *porque* causal seleciona finitude, resultando na próclise.

porque "seleciona"

Forçaº [+convicção] ou Finº [-convicção]

Fernandez-Rubiera aplica sua análise para outras línguas ibéricas, que são o PE, Galego e Asturiano moderno. Ele afirma que o asturiano moderno (doravante AstM) se comporta diferente do asturiano conservador, quanto a colocação de clíticos em orações dependentes. Em AstM, assim como nas outras línguas ibéricas, a ordem predominante nas dependentes é a próclise. A ênclise só ocorre em dependentes quando um tópico intervém entre o complementador e o verbo.

39.a) Digo [qu'ayúda**me**]*
dizer1SG que- ajudar3SG-IND-meCL

39.b. Digo [que **me** ayuda]

dizer1SG que- ajudar3SG-IND-meCL

"Digo que me ajuda"

40. Repítote [que yo dexé**lo** aquel diecisiete de mayu] [***lo** dexé]
repetir1SG-teCL que I deixar 1SG-IND- ele CL que 17 de maio

No entanto, é importante ressaltar que se a periferia esquerda do CP dependente está preenchida por um tópico, a única possibilidade das duas variantes do asturiano é a ênclise. Nos dois dialetos do asturiano quando há um tópico pendente entre o complementador e o verbo, observa-se que o padrão enclítico é adotado, pois há um movimento verbal para FinP para satisfazer condição de borda.

4.1.3.2 As outras línguas ibéricas

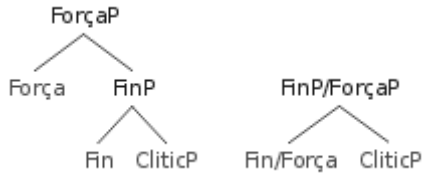
Para Fernandez-Rubiera apenas o asturiano tem variação ênclise/próclise em dependentes. Segundo ele, no PE e no galego apenas a próclise é possível em construções de

subordinação. Entretanto a sua teoria prevê que em períodos anteriores ela possa ter ocorrido. Observe o quadro:

Variação entre línguas em orações dependentes em línguas ibéricas (Cf. Fernandez-Rubiera 2009 pág. 152)

Lingua	que+ vcl	que + clv	Que+suj+vcl	que+suj+clv	Que+Top+vcl	Que+Top+clv
AstC	✓	✓	✓	✓	✓	*
AstM	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Galego	*???	✓	???	✓	???	✓
PE	*	✓	???/*	✓	???/*	✓

Fernandez-Ruibiera atribui a diferença na distribuição do padrão da colocação de clítico, aos diferentes tipos de complementador existentes em línguas ibéricas. O autor propõe que em línguas ibéricas quando a periferia esquerda do CP dependente está vazia, Força e Fin se colidem em um único núcleo, o que resulta num complementador híbrido – que1 e que2, e apenas a próclise é possível, pois o verbo não precisa mover para preencher Fin.



Segundo ele, o sistema do português tem apenas um complementador híbrido, em que força e finitude estão em um mesmo núcleo, mesmo quando a periferia esquerda está preenchida. Este sistema, portanto, não é compatível com a ênclise, porque Fin está preenchido.

No entanto, ressalto que a constatação de Fernandez Rubiera, para o PE, pode ser refutada, com a proposta e exemplos apresentados por Vigário e Frota (1998). Como mostrei no início deste capítulo, as pesquisadoras dizem que na presença de uma fronteira entoacional entre o complementador e o clítico, a ênclise pode ocorrer no PE em dependentes. Os meus dados do PE apontam na mesma direção, quando há pelo menos um constituinte entre o complementador e o verbo, a variação ênclise/próclise existe no CP dependente.

Fernandez-Rubiera, por fim, levanta a hipótese que as línguas ibéricas estão num contínuo no processo de mudança lingüística, em que AstC e PE estariam em lados opostos, mostrando que esse contínuo pode ser provado com dados históricos do PE, que antes licenciava a ocorrência de ênclise em dependentes. Ele corrobora a afirmação apresentando os seguintes dados retirado do *Corpus* do Português

41. que depois de morto já diz [que punha-**se** a mijar] 16th c. (de Gil Vicente)
42. [que conta-**se** que atee no estar andar...] 16th c. (de Ber. Ribeiro)
43. e confesso [que sinto-**me** cativo de tanta singeleza] 19th c. (J. J. da França)
44. não chames.. [que tranco-**te** essa boca a socos..] 19th c. (De Almeida)
45. Ela sente [que faltavam-**lhe** as forças] 19th (J. de Alencar)

Os dados de 42 a 45 são dados do Português Brasileiro no século 19. Sobre esse assunto Carneiro e Galves (2009) mostram que, no Brasil durante o século 19, há variação na colocação de clíticos em todos os contextos sintáticos. O PB naquele período não tinha um padrão claro de alternância ênclise/próclise, a variação ocorria em todos em contextos.

As autoras apresentam exemplos de orações dependentes em que há variação ênclise e próclise. Observe os exemplos:

46. O Nabuco no seo| Ministerio faltou a promessa que **fez| me**: o mesmo acconteceo-me com| o Sr. Rego Barros. carta 30 (Carneiro, 2005: 163)
47. É a unica prova que| enquanto lhe posso dar de mi-|nha eterna e profunda gratidão| 1v. pela mais acentuada gentileza e| distincção com que sempre **honrou-|me.|** carta 226 (Carneiro, 2005: 165
48. Estava disposto a man|dar um portador directamente| ahi; ou a Secretaria passar um| lelegramma visto como| desde que d'ahi **regressei-me|** não tive mais noticias. carta 328 (Carneiro, 2005: 165)

49. Disse-me q*ue* tinha despachado|2r. o cap*ita*m com a força p*o*r elle tra|sido; mas este telegraphou ao| Chefe de policia, que **mandou-|o ficar** p*o*r mais algum tempo.| Esse cap*ita*m é m*ui*to insolente e| audaz. Carta 441(Carneiro, 2005:195)

As autoras atribuem essa variação à competição nos textos (no sentido de Kroch 1994) entre três gramáticas que estavam presentes no Brasil naquele período o Português Brasileiro, Português Clássico e Português Europeu.

Como mostrei anteriormente a gramática do PCl tinha um padrão proclítico nos contextos de variação ao longo da história. A gramática PE por sua vez, tem um padrão enclítico. Carneiro e Galves (2009) afirmam que a gramática que se firma do PB tem predominância proclítica, mesmo nas orações V1 que sempre tiveram padrão enclítico na história do português. A grande variação nos textos, é na verdade uma "mistura" destes padrões de colocação pronominal.

Ainda sobre os dados do Português apresentados por Fernandez-Rubiera, reafirmo que, nos textos do *Corpus* Tycho Brahe, não encontro nenhuma oração subordinada com ênclise em que o complementador é imediatamente seguido pelo verbo. A mesma constatação é feita por Ribeiro para o PA e ainda por Vigário e Frota para o PE moderno.

41.4 Síntese das propostas

Fernandez-Rubiera, Ribeiro e Vigário e Frota mostram que a próclise é a ordem preferencial em contextos de subordinação em línguas ibéricas. E também apresentam propostas que justifiquem a ênclise neste tipo de oração.

Fernandez-Rubiera diz que nos dialetos do asturiano, sempre que a periferia esquerda estiver preenchida por um tópico, a ênclise é a única possibilidade. No caso do AstC a variação ênclise próclise pode ocorrer sempre que o CP dependente for selecionado por um verbo epistêmico, a posição do clítico está relacionada com a presença do traço pragmático [+convicção].

Vigário e Frota propõem uma análise fonológica para a ocorrência de ênclise em orações dependentes no PE. A ênclise é derivada sempre que há uma fronteira entoacional, entre o gatilho da próclise e o verbo.

Ribeiro analisa a ênclise nas orações subordinadas no PA, e afirma que esta ordem é derivada quando um tópico intervém entre o complementador e o verbo. A ênclise é derivada, depois de um movimento do verbo para Fin, para satisfazer condição de borda. A autora diz ainda que o fenômeno está em distribuição complementar com a recomplementação, quando Fin está preenchido por um segundo complementador, o verbo não pode subir, permanecendo in-situ, derivando-se a próclise.

Na próxima seção apresento a minha proposta para a ênclise em orações dependentes na história do PE a partir do séc. 16.

4.2 A proposta de analise para a ênclise em dependentes na mudança do PCl para o PE

Apresento a minha análise para a ênclise em orações dependentes no PE entre os séculos 16 e 19. Num primeiro momento discuto as propostas apresentadas anteriormente, e adiante apresento a minha proposta.

4.2.1 As analises e a aplicação no PE

As orações dependentes com ênclise, para Fernandez-Rubiera, têm um traço de interpretação de convicção que vem do estado de "crença" do sujeito da oração matriz ou do falante em relação ao que está sendo dito.

Parece difícil, nos textos analisados nesta pesquisa, associar a ênclise à presença de um traço + convicção, pelas seguintes razões.:

1) Não se consegue fazer uma distinção entre as subordinadas com ênclise e as subordinadas com próclise no que diz respeito à interpretação de convicção. Compare-se as seguintes frases:

50. "Neste sossego, e a aceitação da gente ia entrando o Padre ANTÓNIO VIEIRA, e os mais Padres, **quando** o demónio temendo, que daquele pequeno esquadrão lhe podia vir grande guerra, **levantou-a** contra eles de sorte, que os pôs a risco, ou de serem mortos, ou lançados do Estado." (André de Barros)

51. "E se vemos os seus triunfos, ou já nos epitáfios, ou á nas pompas fúnebres, parece-nos que está tão longe de nós aquele estrago, **que** na mesma distância, em que a nossa idéia o considera, **se confunde** e desvanece o horror." (Matias Aires)

Ao analisar os dados sobre a perspectiva de Fernandez-Rubiera, alguns problemas emergem. A partir dos textos não consigo extrair uma variação na interpretação de [+-convicção]. O próprio verbo no modo indicativo, traz esta interpretação de convicção, por ser factual. E as duas orações por estarem nesse modo têm a mesma interpretação.

2) A análise de Fernandez-Rubiera prevê que tal interpretação é obtida por causa do tipo de complementador escolhido, que línguas ibéricas teriam dois tipos de que, e a ênclise seria derivada quando que 1 fosse selecionado. Mas o autor não prevê outros complementadores, como é o caso do exemplo 1, que é introduzido por *quando.* Esse exemplo é uma evidência de que não é o tipo de complementador que vai definir a estrutura do CP dependente.

Por outro lado a análise de Fernandez-Rubiera também propõe que a ênclise só ocorre no asturiano quando o verbo que seleciona o CP dependente é epistêmico, neste sentido a análise aplica-se aos dados do PE, uma vez que a maior parte das orações completivas são selecionadas por verbos deste tipo.

A análise de Fernandez-Rubiera também propõe que as orações dependentes introduzidas por *porque* explicativo, são um lugar de variação ênclise/próclise. A conjunção *porque* parece ser uma facilitadora da ênclise (2,23 *versus* 014% nas orações introduzidas por outros complementadores).

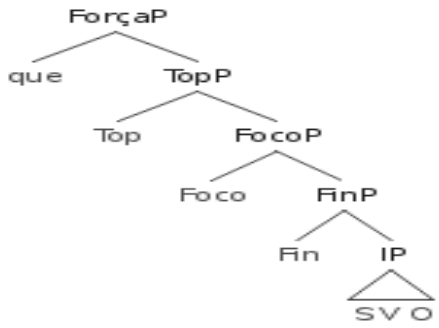
53. “Georgina tinha a coragem de lhe resistir, de lhe nao responder todas as vezes que ele tentava quebrar o preceito de que dependia a sua vida, e a dela, **porque** a infeliz **amava-o,** oh!” (Garret – Viagens à minha terra)

O *porque* explicativo introduz um fato, e por isso o verbo da oração dependente é normalmente um verbo no modo indicativo, recebendo uma interpretação factual. Neste sentido o *porque* passa uma idéia de “crença”, que o autor atribui ao traço convicção. Não vejo evidências claras da existência deste traço, mas a idéia de convicção nestes CPs está marcada de alguma forma seja pelo modo do verbo, seja pela conjunção.

Ilza Ribeiro, por sua vez, propõe que a ênclise vai ser derivada quando houver um tópico pendente entre o complementador e o verbo, e um CP expandido for projetado. De acordo com a autora FinP tem que estar preenchido, então quando não há complementador em Fin, o verbo sobe para checar traço, pois tal categoria precisa ter uma realização lexical.

1. Força/FinP que [IP]]

2.



Ao tentar aplicar essa análise aos meus dados, surge a seguinte questão. Como explicar que a próclise seja possível quando um tópico ocorre entre o complementador e o verbo, como no exemplo seguinte:

54. “E tomãdo por principio desta minha peregrinação o que passei neste Reyno, digo que despois que passei a vida atê idade de dez ou doze annos na miseria &estreiteza da pobre casa

de meu pay na villa de Montemór o velho, hum tio meu,parece **que**, *desejoso de me encaminhar para milhor fortuna,* **me trouxe** a cidade de Lisboa, & me pos no serviço de uma senhora de geração assaz nobre, & deparentes assaz illustres, parecendo-lhe que pella valia assi della como dellespoderia haver effeito o que elle pretendia para mim." (Fernão Mendes Pinto)

Nesse caso em que tópico estaria preenchido, porque não haveria subida do verbo para Fin?

Na próxima seção retomo que no PCl a ênclise é condicionada a prosódia, como proposto por Vigário e Frota (1998). No PE depende da estrutura sintática. E ainda mostro que em nenhum dos casos a ênclise é derivada por um movimento do verbo para a categoria Fin, mas pela afixação do clítico à direita do verbo.

4.2.2. A análise do Português Clássico e PE

Apresento duas propostas para a análise da ênclise, uma vez que a gramática da língua mudou, a derivação da ênclise também mudou como apontam estudos anteriores (Galves, Brito e Paixão de Sousa 2005, Galves e Sandalo 2004, 2009, entre outros). Nestes trabalhos, propõem que no PCl a ênclise é derivada e só ocorre com o verbo em posição inicial de um domínio prosódico, enquanto a ênclise no PE é derivada quando o verbo está na primeira posição de um domínio sintático.

4.2.2.1 O Português Clássico

Galves, Brito e Paixão de Sousa (2005) argumentam que a ênclise só ocorre no PCl quando o verbo aparece em posição inicial de frase entoacional, obedecendo a lei de Tobler-Mussafia. As autoras afirmam que a colocação de clíticos no período é sensível à prosódia, à extensão das orações. As autoras mostram que, em orações matrizes, quando uma oração

adverbial precede o verbo, quanto maior for a oração, maior será a chance de a ênclise ocorrer. Observe o quadro abaixo:

Sensitivity of clitic-placement to the length of pre-verbal clauses

	1500 to 1599			1600 to 1690			1691 to 1799			1800		
	Proc	**encl**	**%encl**	**proc**	**encl**	**%encl**	**proc**	**encl**	**%encl**	**proc**	**encl**	**%encl**
1-4 w	68	29	29.89	38	35	47.94	12	35	74.46	0	10	100
5-8 w	33	18	35.29	27	28	50.90	16	31	65.95	0	4	100
9+ w	**8**	**9**	**52.94**	**10**	**25**	**71.42**	**15**	**15**	**50.00**	**0**	**0**	**0**
	109	56		75	88		43	81		0	14	

Este quadro mostra que, nos séculos 16 e 17, a freqüência da ênclise aumenta quando a oração pré- verbal é longa (mais de 8 palavras), mostrando a relação entre o tamanho da oração e a posição do clítico. Na evolução da colocação de clítico as autoras ressaltam que, a partir do século 18, observa-se que o tamanho passa a ser menos relevante – uma vez que ênclise é a ordem generalizada – e afirmam ainda que estes números evidenciam que a ênclise deixa de ser regida pela lei de TM.

54. "Em casa cheia (disse Solino) depressa se faz a ceia, e em entendimento tão rico como o vosso, nem de cousas, nem de palavras pode haver pobreza; guarde-vos Deus de uns meus senhores que as pedem fiadas aos livros de cavalarias, com suas sentenças de cabo de capítulo, **que**, se lhe atravessa um escarro de um dos ouvintes, **varreu-lhe** tôda a prègação da memória, e vão com a prática em muletas até tomarem assento com muito trabalho seu e de quem os escuta." (F.R. Lobo)
55. "Neste sossego, e a aceitação da gente ia entrando o Padre ANTÓNIO VIEIRA, e os mais Padres, **quando** o demónio temendo, que daquele pequeno esquadrão lhe podia vir grande guerra, **levantou-a** contra eles de sorte, que os pôs a risco, ou de serem mortos, ou lançados do Estado." (André de Barros)

Como mostro nos exemplos acima, em todos meus dados do século 16 e 17, a ênclise só ocorre quando há constituinte acontece entre o verbo e o complementador. Trabalhos anteriores (Galves, Brito e Paixão de Sousa, 2005; Galves e Sandalo 2005; Paixão de Sousa 2004) mostram que a ênclise só acontece no PCl quando o verbo está em posição inicial. A pergunta que me faço

é: como esta gramática, que só deriva ênclise com o verbo inicial, pode gerar ênclise em orações dependentes com o complementador preenchido.

A análise que proponho, segue na mesma direção da análise de Frota e Vigário, que diz que a ênclise só ocorre neste contexto, pois há uma fronteira entoacional entre o complementador e o verbo, desta forma o verbo é o início de uma nova curva entoacional.

Entre os textos do PCl os *Sermões* do Vieira são os que apresentam o maior ocorrência de ênclise para o período. Galves (2003) afirma que a ênclise no Vieira, não é derivada da nova gramática que emerge no século 18, e sim um recurso estilístico, evidenciando o uso especial da ênclise. Galves explica essa maior freqüência mostrando que a ênclise ocorre quando há um tópico contrastivo precedendo o verbo.

56. "**Deus** julga-nos por nós; **os homens** julgam-nos a nós por si."
57. "**Elles** conheciam-se, como homem, **Christo** conhecia-os, como Deus."

A autora ressalta que o contraste entre os sintagmas pré-verbais é reforçado por oposições explícitas. Essa oposição pode ocorrer pela repetição do verbo, ou por outros tipos de oposição.

É interessante notar que, nos 3 casos de ênclise em orações dependentes nos Sermões do Pe Vieira, o primeiro caso é uma oração adverbial longa (15 palavras) . Os outros dois são casos de tópicos contrastivos:

57."Somos como os **que** navegando com vento e maré, e correndo velocissimamente pelo Tejo acima, se olham fixamente para terra, **parece-lhes** que os montes, as torres, e a cidade é a que passa; e os que passam, são elles." (Vieira – Sermões)

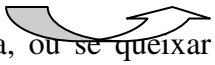
58. "O terceiro motivo de maior temor, que há no juízo dos homens, comparado com o de Deus, é que ***no Juízo de Deus as nossas boas obras*** **defendem-nos**, ***no juízo dos homens o maior inimigo que temos são as nossas boas obras.***" (Vieira-sermões)

59. "Deus julga como Juiz; os homens julgam como judiciários ; entre o juiz e o judiciário há esta differença, que ***o juiz*** suppõe o caso, ***o judiciário*** **adivinha-o**." (Vieira-sermões)

O tópico, assim como as parentéticas, pode se configurar como uma fronteira entoacional (Vigário e Frota, 1998), o que faz com que a análise proposta aqui dê conta também destas orações, mostrando também consistência com as análises das orações matrizes do autor.

Sempre que o verbo estiver iniciando um novo contorno entoacional a ênclise vai ser derivada por um movimento morfológico conhecido como inversão prosódica.

60. "**porque** [àlem de que nunca mais lhe cruzou a porta]I,[~~**lhe**~~ **manda lhe** dizer na primeiracitação], que lhe ha de cruzar a cara, se fallar na divida, ou se queixar ájustiça." (Manuel da costa)



A inversão prosódica sempre ocorre quando o verbo está em posição inicial para respeitar a lei de de TM, que diz que um elemento sem acento não pode ser o primeiro elemento de uma oração, a inversão neste caso, o clítico se apóia na primeira palavra acentuada, derivando-se a ênclise.

No PCl também encontro exemplos de próclise em dependentes que ocorrem mesmo quando há um constituinte entre o complementador e o verbo. A formação de fronteiras entoacionais, é motivada por diversas razões prosódicas, e a ênclise só é derivada quando esses constituintes são uma fronteira, e o verbo inicia um novo sintagma entoacional. Por exemplo, nas orações em que existem tópicos entre o complementador e o verbo, e ainda assim a próclise é derivada, este tópico estaria na mesma curva entoacional do complexo verbal.

4.2.2.3 PE moderno

A análise da ênclise em textos de autores da nova gramática é muito mais complexa. Trabalhos anteriores (Paixão de Sousa 2004, Galves Brito e Paixão de Sousa 2005, Galves e Sandalo 2004 e 2009) afirmam que a derivação da ênclise não ocorre mais por motivações prosódicas. A tabela que apresento no início deste capítulo, mostra que a partir do século 18 o tamanho da oração deixa de ser relevante pra a motivação da ênclise, mas também mostra que

esse contexto onde o verbo é precedido por uma oração, ainda é favorável à ênclise. A pergunta é como a ênclise seria derivada com o complementador preenchido.

Uma possibilidade seria uma recursão de CP. Há evidências de recursão de CP em línguas V2. Em tese, V2 acontece apenas em orações com o complementador vazio, seja nas matrizes, ou nas subordinadas. Iatridou e Kroch (1992) mostram que em algumas línguas isto ocorre quando há um tópico pendente entre o complementador e o verbo. Os autores citam o Frísio.

61. Pyt sei **dat** hy my sjoen hie
Pyt disse que ele me visto tem

"Pyt disse que ele tem me visto"

62. Pyt sei **dat** hy hie my sjoen
Pyt disse que ele tem me visto

"Pyt disse que ele tem me visto"

No exemplo I o verbo está no final, como é comum em línguas germânicas em dependentes, no exemplo II o sujeito (hy) precede o verbo que estão em posição V2. Nesta oração encaixada (II) o verbo ocupa a segunda posição, mesmo com o primeiro CP preenchido, quando há um tópico, há uma recursão de CP:

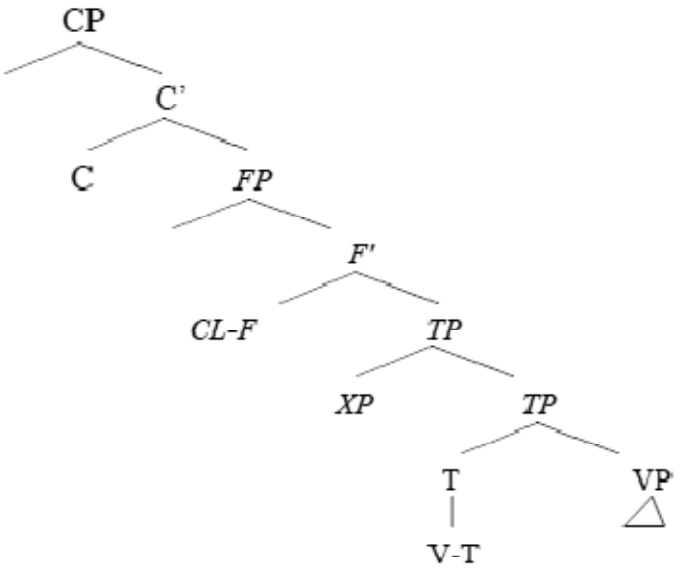
[Verbo [CP [C' complementador [CP tópico [C' verbo [ip...]]]]]]

O que é muito interessante é que Iatridou e Kroch (1992) afirmam que isto só ocorre em orações dependentes em que o CP dependente foi selecionado por um verbo epistêmico, e o verbo principal da subordinada está no modo indicativo. E ainda precisa haver um tópico pendente entre complementador e o verbo. Este é o mesmo contexto em que a ênclise ocorre mas completivas dependentes no PE. Há evidências de redobro de CP em Português Europeu Moderno. Este fenômeno é conhecido como recomplementação, e pode ocorrer também quando há um tópico entre os dois complementadores.

63. Eu disse que ontem que não choveu[7].

No caso das dependentes enclíticas este CP não estaria preenchido lexicalmente. E a idéia de recursão de CP permite aplicar a análise de Galves e Sandalo, que afirmam que o clítico no PE não pode ser o primeiro elemento da fase CP. Com um novo CP projetado, a ênclise seria possível em orações com o primeiro complementador preenchido.

Antes é preciso deixar claro qual é posição ocupada pelo clítico na proposta de Galves e Sandalo 2009:

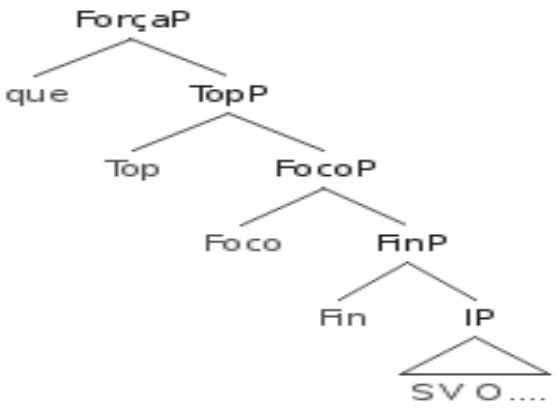


Galves e Sandalo (2009) propõem que no PE, não é o clítico que sobe para uma posição mais alta, mas o verbo que permanece *em F* numa posição mais baixa, como mostrado acima. A próclise é derivada sem movimentos pós sintáticos; a ênclise requer uma outra regra, de lowering, que é uma regra que se aplica antes da linearização e é sensível a estrutura sintática.

[7] Exemplo apresentado por João Costa, durante curso ministrado na UFMG em 2010.

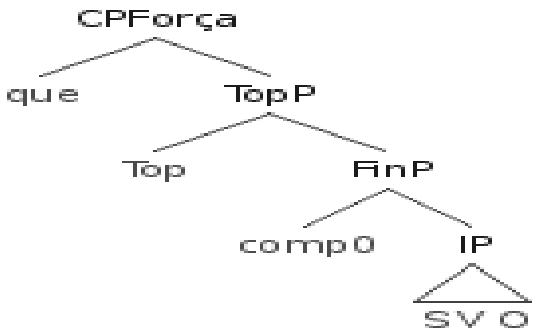
A exemplo de Ribeiro (2009) e Fernandez-Rubiera, utilizo o CP expandido proposto por Rizzi para explicar ênclise em dependentes. Acrescento esta análise de recursão de CP que pode ser reinterpretada dentro do CP expandido de Rizzi.

1. CP expandido de Rizzi



Toda vez que um tópico é realizado, são projetados dois núcleos Força/Finitude na estrutura do CP. Força é a relação da oração com discurso. E Finitude é a relação do sistema complementador com a oração, como proposto por Rizzi (1997).

2. CP expandido com recursão

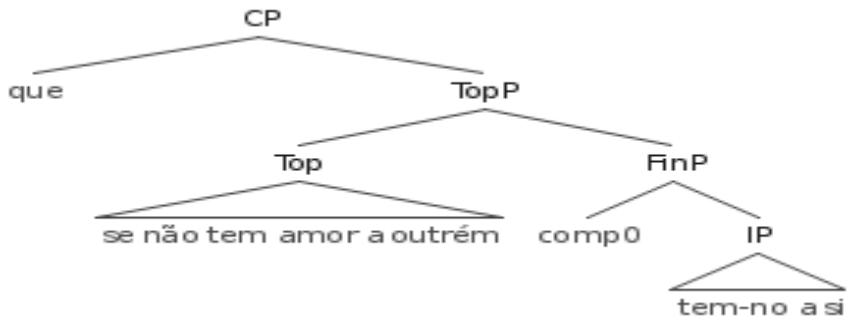


Quando há um tópico entre o complementador e o verbo, Fin inicia um novo CP. A posição também pode ser ocupada com um novo CP (recomplementação), ou não ter realização lexical.

Nesta estrutura o verbo principal da oração dependente estaria em posição V1, neste novo comp0. Como a ênclise é derivada nesta gramática? Galves e Sandalo(2009) mostram que no PE moderno o clítico não pode ocupar o primeiro núcleo na fase CP.

Galves e Sândalo (2009) afirmam que em contextos V1 a ênclise é derivada no PE moderno para respeitar a regra do clítico não estar em posição incial do CP. A ênclise é derivada por um movimento morfológico de lowering (na definição de Embick e Noyer 2001).

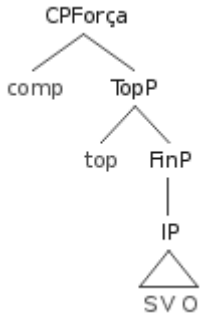
A estrutura das orações dependentes após o movimento de lowering do clítico:



A próxima pergunta que surgiu é: como nesta gramática eu derivo a próclise neste em orações dependentes com tópicos pendentes?

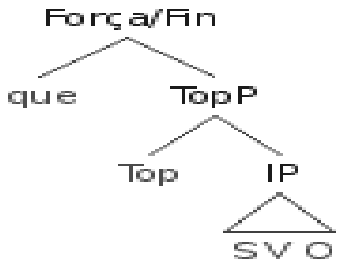
Uma possibilidade é a existências de duas posições de tópico, uma posição acima de FinP n(1) e outra abaixo de FinP(2)

1.



2.

A presença do tópico nesta posição mais alta é que possibilita a ativação da fase FinP Quando o tópico estiver na posição mais baixa, Fin e Força se fundem, sendo projetado como um núcleo sincrético, por não haver nada entre os dois núcleos:



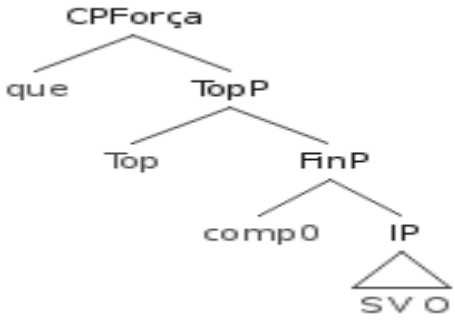
Nesta proposta a próclise é a ordem esperada, pois o clítico permanece in-situ, uma vez que o complexo verbal não está em posição inicial. A próclise é conseqüência da escolha da posição de Top na língua.

Em suma, mostro que no PE a colocação dos clíticos em dependentes está sujeita a regras sintáticas. Na próxima seção aplico esta análise aos dois dialetos do asturiano.

4.2.2.3 O Asturiano

As línguas ibéricas se comportam de maneira parecida quanto à colocação de clíticos em dependentes, como aponta Fernandez-Rubiera (2009). Nesta seção aplico a análise que proponho para o PE às orações dependentes com clíticos dos dois dialetos do asturiano.

Quando um tópico é projetado a única opção em AstC e AstM é a ênclise, o CP dependente é dividido e tem a seguinte configuração:



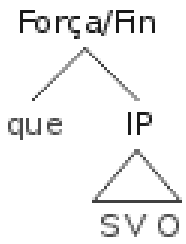
Ao contrário do PE, o asturiano teria apenas uma posição de tópico, pois a ênclise é a única opção quando há um tópico entre o que e o verbo. A ênclise é derivada da mesma maneira que no PE, por um movimento de lowering, uma vez que o clítico não pode ser estar na posição inicial do CP

O AstM só tem ênclise, quando há um tópico pendente entre o verbo e o complementador. Entretanto, Fernandez-Rubiera mostra que em AstC mesmo nas orações dependentes em que não há nenhum constituinte entre o complementador e o verbo, há variação ênclise e próclise. A variação é possível quando o CP dependente é selecionado por verbos epistêmicos, ou ainda em contexto explicativo iniciado por *porque*.

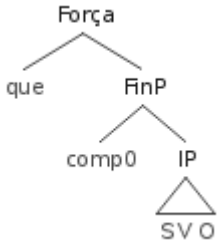
Abaixo apresento a distribuição ênclise e próclise nas dependentes do PE e as variantes do asturiano:

	que+top+vcl	que+top +clv	que+vcl	que+clv
PE moderno	✓	✓	*	✓
Ast C	✓	*	✓	✓
Ast P	✓	*	*	✓

Proponho que nestas orações a ênclise ocorreria quando Força e Finitude fossem projetados, e há um comp0 em Fin. A próclise ocorreria quando Força e Finitude fossem projetados com num núcleo sincrético.



Próclise



Ênclise

É possível relacionar a ativação da fase Finitude com a colocação dos clíticos em posição pós verbal, quanto a este aspecto as línguas estão distribuídas da seguinte maneira.

Ativação de Fin	PE	AstM	AstC
Precisa de um tópico	Sim	Sim	Não
É obrigatória quando TOP está preenchido?	Não	Sim	Sim

O AstM se comporta de maneira regular, em que a presença de um tópico é obrigatória para ativação de Fin e nestes casos só a ênclise é possível. O PE também precisa de um tópico para ativação de Fin, mas no PE a colocação a ênclise não é obrigatória. O AstC ao contrário do PE e AstM não precisa de um tópico para ativação de Fin.

O AstM reforça a hipótese de uma recursão de CP em orações dependentes com ênclise. A ênclise ocorre nos contextos em que Iatridou e Kroch (1992) encontram recursão de CP nas línguas V2: quando há um tópico pendente entre o complementador e o verbo, e verbo está no indicativo. O AstC é um caso interessante pois licencia a ênclise mesmo quando o verbo seguem imediatamente o verbo, nesta variante Fin é ativado mesmo quando não há um tópico pendentes, e ativação de Fin, ocorre uma recursão

Esta aplicação às variantes do asturiano evidencia a viabilidade desta proposta para explicar a ênclise neste lugar historicamente dominado pela próclise em línguas ibéricas.

5.Conclusão

Nesta dissertação mostrei que a próclise é a ordem predominante nas orações dependentes na história do PE entre os séculos 16 e 19. A ênclise ocorre marginalmente em apenas 0,22% das orações dependentes.

A comparação dos dados do português arcaico (Ribeiro 2009), do Corpus Tycho Brahe e dos dados de português moderno (Frota e Vigário), mostra que a colocação de clíticos em dependentes não varia muito na história do PE.

Nas duas gramáticas do português- PCl e PE- a próclise é predominante nas orações dependentes. Isto ocorre apesar de todas as mudanças acontecidas na gramática da língua. Enquanto no PCl o padrão era proclítico nos contextos de variação, a partir do século 18 emerge o PE, de padrão enclítico.

Mesmo com a predominância proclítica em dependentes, a ênclise ocorre durante todo o período. Todas as orações dependentes com ênclise tem algumas características em comum:

- A colocação pós-verbal do clítico só ocorre em orações dependentes do tipo relativas, orações completivas com verbo ser, orações completivas com verbos epistêmicos e em orações iniciadas em porque;
- Apenas um verbo entre os verbos das orações dependentes estão no modo indicativo, são factuais;
- A ênclise nunca ocorre com o complementador imediatamente seguido pelo verbo, é preciso pelo menos um constituinte intervindo.

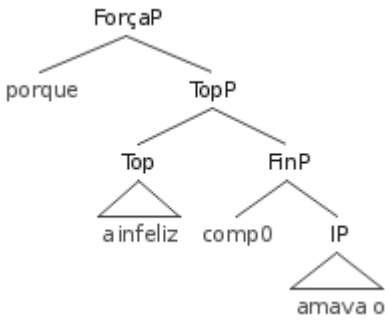
Ressalto que apesar de todas as mudanças ocorridas na gramática na língua, em certa medida a ênclise está sujeita à mesma restrição: só ocorrer com o verbo em posição V1. Enquanto no PCl a ênclise é derivada quando o verbo está iniciando um novo domínio prosódico, no PE ocorre quando o verbo está iniciando num novo domínio sintático

PCl – V1 iniciando nova curva entoacional:

1. “O terceiro motivo de maior temor, que há no juízo dos homens, comparado com o de Deus, [é **que]I** [no Juízo de Deus as nossas boas obras]I [**defendem-nos]I**, no juízo dos homens o maior inimigo que temos são as nossas boas obras.” (Vieira-sermões)

A ênclise é derivada no PCl, quando entre o complementador e o verbo, há uma fronteira entoacional, o verbo está inicial em um domínio prosódico.

PE – após movimento de lowering motivado por V1, novo CP em fin:



No caso do PE, o verbo está na primeira posição no novo comp projetado em Fin. A ênclise é derivada por lowering, para que o clítico não seja o primeiro elemento do novo CP.

Ressalto ainda que estas orações dependentes com ênclise têm mais uma característica em comum: a presença do tópico pendente enfraquece essa relação de subordinação, seja por questões prosódicas, seja por questões sintáticas. Estas estruturas que têm, em alguma medida, independência da oração matriz, e das relações com o próprio complementador realizado.

6. Referências Bibliográficas

ANDERSON, Stephen (2005) *Aspects of the Theory of Clitics*. Oxford University Press.

BARBOSA, Pilar (1995) Null Subjects. MIT Ph.D. dissertation

BARBOSA, Pilar.(2000). "Clitics: a window into the null subject property" in João Costa (ed). *Portuguese Syntax*, Oxford University Press.
RAPOSO, Eduardo and Juan URIAGEREKA.(2005) "Clitic Placement in Western Iberian: A Minimalist View", *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. Guglielmo Cinque and Richard S. Kayne (eds), Oxford University Press.

BENINCÀ, P., and POLETTO, C. 2004. "Topic, Focus and V2". In *The Structure of CP and IP: The Cartography.*

CARNEIRO,Zenaide e GALVES, Charlotte. (2009) "Variação E Gramática Colocação Dos Clíticos Na História Do Português Brasileiro." Manuscrito inédito. Unicamp.
CHOMSKY, Noam. 2001. "Derivation by Phase". In *Ken Hale: A Life in Language*, ed. M. Kenstowicz, 1-52. Cambridge, Massachusetts: MIT Press. *of Syntactic Structures*, ed. Luigi Rizzi, 52-76. Oxford: Oxford University Press.

CORPUS HISTÓRICO DO PORTUGUÊS TYCHO BRAHE – http://www.tycho.iel.unicamp.br

COSTA, João and Charlotte GALVES. 2002. "External subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis", In *Proceedings of Going Romance 2000*, ClaireBeyssade, Reineke Bok-Bennema, Frank Drijkoningen, Paola Monachesi (eds). Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.

COSTA, João and Inês DUARTE (2003). "Preverbal subjects in null subject languages are not necessarily dislocated" *Journal of Portuguese Linguistics* 159-176

COSTA, João. (1998) *Word Order Variation: a constraint-based approach*. HIL/Leiden University.

CUNHA, Celson; CINTRA, Lindley. (2009). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* **-** **.** 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editorial, 2009. 472 p.

D'ANDRÉS, Ramón. 1993. "Allugamientu de los pronomes átonos col verbu n'asturianu:" Series Minor, 2. Uviéu: Publicaciones / Departamentu de Filoloxía Española.

EMBICK, D. and R. NOYER (2001) "Movement operations after syntax", *Linguistic Inquiry*, 32.4: 555-596.

FERNANDEZ-RUBIERA, Francisco. (2009) *CLITICS AT THE EDGE: CLITIC PLACEMENT IN WESTERN IBERIAN ROMANCE LANGUAGES***.** Georgetown University. Tese de doutoramento. Inédito

GALVES, Charlotte e SANDALO, Filomena.(2009) "From Intonational Phrase to Syntactic Phase : the grammaticalization of enclisis in the history of Portuguese." Manuscrito inédito. Unicamp.

GALVES, Charlotte, BRITTO, Helena e PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2005) – "The Change from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus". In: *Journal of Portuguese Linguistics, Vol 4 , n.1, Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond*.

GALVES, Charlotte. (2003) *Sintaxe e estilo: a colocação de clíticos nos sermões do padre vieira.* In: ALBANO, Eleonora et al. *Saudades da língua: A lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.* Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 245-260.

IATRIDOU, Sabine; KROCH, Anthony. (1992) "The Licensing of CP-recursion and its Relevance to the Germanic Verb-Second Phenomenon". *Working Papers In Scandinavian Syntax,* Helsinki, v. 50, n. , p.1-24.

KROCH, A. (1994). Morpho-syntactic variation. In. K. Beals et al. (eds.), *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation e Linguistic Theory,* vol. 2, pp. 180-201.

KROCH, A. (2001). Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*, Oxford: Blackwell Publishers Inc., p. 699-729.

MARTINS, A. M. (1994) Clíticos na História do Português. Tese (Doutorado em Lingüística Portuguesa).Lisboa: Universidade de Lisboa

MEIER, H. 1976. Problemas de gramática gallega (III), *Verba* 3, 45-52.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara (2004) – Língua Barroca: sintaxe e história do português nos 1600. Tese de Doutoramento, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Ilza. (1995). A sintaxe do Português Arcaico. Tese de Doutoramento, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Ilza. (2009) "Sobre os usos da ênclise nas estruturas subordinadas no Português Arcaico. VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa.

RIZZI, L. 1997. The Fine Structure of the Left Periphery. In *Elements of Grammar: Handbook in Generative Syntax*, ed. Liliane Haegeman, 281-337. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publishers.

URIAGEREKA, J. (1995). A F Position in Western Romance. In: K. É. Kiss. (ed.). *Discourse Configurational Language.* Oxford: Oxford University Press. 153-75

VIGÁRIO, M., FROTA, S (1998)"Between Sytnax and Phonology: On Phrasal Wegiht Effects in European Portuguese. Paper given at 8th Colloquim on Generative Grammar, Palmela